



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E
TERRITORIALIDADES**

AFRO-NTANDO:

**Compreendendo as construções/desconstruções e disputas de
identidades de mulheres negras a partir de seus cabelos**

ALICE SANTOS DA SILVA

Orientadora: Prof^a Dr^a Rôssi Alves

NITERÓI

2018

ALICE SANTOS DA SILVA

AFRO-NTANDO:

**Compreendendo as construções/desconstruções e disputas de
identidades de mulheres negras a partir de seus cabelos**

Orientadora: Prof^a Dr^a Rôssi Alves

NITERÓI

2018

AFRO-NTANDO:

**Compreendendo as construções/desconstruções e disputas de
identidades de mulheres negras a partir de seus cabelos**

ALICE SANTOS DA SILVA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades. Linha de pesquisa: Mediações, Saberes Locais e Práticas Sociais.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof.a Dr.a Professor^a Dr^a. Rôssi Alves Gonçalves (orientador)

Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.a Dr.a Marisa Melo

Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof.a Maria Bethânia Almeida Pereira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

AGRADECIMENTOS

Muitos pensam que essa história começa aqui. Mas ela está bem distante de ter começado aqui, muito distante.

Começou, como tantas outras forjadas nas histórias que teceram com suor e sangue, a caminhada de suas famílias.

Para Dona Alice e Dona Dé.

Para a minha querida e difícil mãe Maria.

Para minhas tias Ana, Chinha, Dila, Dilma, Sara, Preta, Dica e Neuza.

E para todas as pretas que nunca puderam exigir o direito de estudar em uma escola regular, mas que, a duras penas, garantiram que seus rebentos pudessem chegar lá. Elas são as verdadeiras mestras dessa vida.

É impossível negar o que a experiência desse Mestrado trouxe à minha vida das mais diversas maneiras.

O IACS sempre foi aquele sonho de criança que parecia muito distante e eu não sabia muito bem explicar o porquê.

Estudar ali me proporcionou entender melhor o motivo dessa distância parecer maior do que realmente era.

Por essas e tantas outras, agradeço ao Programa de Cultura e Territorialidades em toda sua composição feita de gente muitíssimo competente e amiga.

À coordenadora e professora Ana Enne, em especial, por sua luta incansável em tentar fazer da Universidade Pública um lugar mais receptivo e leve, pelas aulas incríveis e inesquecíveis, pela presteza e cuidados com seus alunos.

Aos mestres e amigos, João Domingues, Marildo Nercolini, por acreditarem na gente e insistirem no repensar sobre o olhar para nossos sujeitos de pesquisa. Pela humildade e pela grandeza, pelos olhares zelosos e incentivadores.

À amada Marcinha, pelos sorrisos, pelas confidências e pelas quebradas de galho.

À minha querida e inesquecível turma de 2016, que comprou comigo todas as possíveis batalhas e desafios.

Todos vocês são um pouco daquilo que um mundo melhor precisa.

Em especial, à baianidade companheira de Feira da Paulinha, gigante que só; à inspiração da Catu; as letras e palavras da Rafa; às viagens do Paulo; às miraboaulas do Bruno; à sensibilidade da Aleja; à geografia musical do André; aos riscos da Renata; ao dançar fadado da Marta; às alquimias da Fiuza; aos vislumbres praianos do Aglio; ao pensar político do Lopes; à linda loucura do Chico; à visceralidade audiovisual da Maná; ao festejar do Gabriel; e à rebeldia futebolística da Olga.

Foi um orgulho e prazer poder estudar ao lado de vocês.

À Faculdade de Formação de Professores do Rio de Janeiro, que me trouxe, por meio dos meus professores queridos, até aqui, e que **SEGUE RESISTINDO!**

À minha inenarrável orientadora, Rôssi Alves, que topou a loucura de ter uma orientanda com uma vida tão conturbada e louca como a minha, que não desistiu em nenhum momento e foi incansável em dizer “Estou aqui, acredito em você”. Por ter me ensinado, para além de tudo, o exato lugar da Academia em minha vida. Por ter me apoiado nos momentos em que pensei que já não fosse possível e até por me dizer que eu tinha a escolha de terminar essa pesquisa nas mãos. Rôssi me ensinou que não há pesquisa sem paixão, serei eternamente grata por isso.

Mas, é impossível concluir essas linhas sem mencionar o bonde, que também proporcionado pela Rôssi, dividiu comigo não só orientadora, não só quartos coletivos em hotéis pelos congressos, não só a experiência impagável de ministrar a disciplina de Arte e Cenário Urbano em Rio das Ostras. Esse bonde dividiu comigo as aflições e os choros, amores, dores e sacrifícios. A lindeza que foi costurar minha vida às tramas de vocês nesses dois anos, que ficam para vida, é de se agradecer a todo instante.

À Mellyna Reis, amiga de todos os momentos e dona de um dos corações mais amorosos e arianos que já existiu nessa face terrestre.

Ao Guilherme Santos, pelos tantos momentos divididos, pelos trocas, pela paciência e por ter me apresentado tão bem ao Hip Hop.

Ao Mau, pela poesia aquariana tão alentadora nos dias mais nublados.

Ao Hugo, pelo amor fraternal e por acreditar que podia dar certo.

Sem vocês, esse era um projeto perdido. Que honra ter passado e vivido tantos tempos e espaços com vocês.

Às professoras Marisa Melo e Maria Bethânia Almeida, que aceitaram, com carinho e disponibilidade ímpar, compor esta banca de um trabalho feito em conjuntura crítica de tempo e dedicação, pelas transformações que atitudes como as de vocês fazem na vida de pessoas como eu.

À Manu, Lud, Ana Carla, Dany Santos, Milena Mariano, Giovanna, Monique, as moderadoras dos grupos “Cacheadas em Transição” e “Sou mais cachos”, que contribuíram e inspiraram minha vida e processo de escrita.

À Transição Capilar e, com ela, o feminismo, que salvaram o meu existir nesse mundo.

Aos meus amigos de sempre e para muito tempo ainda Alessandro, Camila, Victor, Santinho, Gui, Wanick, Mari e Raquel, Lobão, Louise e Isa, que não desgrudam, ainda que eu aja com a chatice rotineira de pedir ajuda e colo, toda vez que tenho medo ou quero festa.

À Lene, que mesmo com todas as diferenças, se mostra disposta a ajudar e deixar que minha asa dê mais umas voltinhas pelas conquistas.

À minha irmã Thais, pela amizade e às vezes em que foi fortaleza para que eu continuasse.

Agradeço a sorte de ter nascido filha de um cara que sempre disse que eu podia mais e melhor, de um incentivador de sonhos, de um movedor de mundos, agradeço ao incrível homem e pai, Edson, que nem por um segundo, esteve longe.

À família que formei por meio da entrega sincera com o meu amado companheiro de luta, vida e paixão, Tiago Lobo. Pelas conquistas ao longo desses anos que estamos juntos e todas as pequenas conquistas diárias, por sonhar comigo, mas, sobretudo, por fazer virar realidade também ao meu lado.

À minha doce e ávida Lara, por ser alegria nos meus dias chuvosos e conseguir arrancar sorrisos quando acredito não haver mais motivos.

Ao meu incrível Dante, por ser força, resistência e inocência, por ser o maior dos professores que eu já pude encontrar.

Dedico esse trabalho a quem sonha com dias melhores, a todas as pessoas que lutam incansavelmente por um país que dê condições de vida iguais para todos.

Obrigada àquelas que se levantam contra a morte do povo preto, contra a misoginia, contra o feminicídio, contra o racismo, contra o machismo que mata uma de nós a cada onze minutos.

E agradeço também a cada irmã e irmão que não tiveram a mesma oportunidade de privilégios que eu tive, mas que está mais perto de chegar pela incansável luta de muitos de nós

Por fim, agradeço a força de luta de cada uma das mulheres que me carregaram durante o processo, muitas vezes, literalmente.

Por seguirem resistindo cada dia, cada minuto, cada segundo, muitas vezes pra se manterem vivas.

Eu, sozinha, ando bem.

Mas, com vocês, ando melhor! UBUNTU!

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de lançar olhar sobre as perspectivas discursivas e midiáticas que envolvem o empoderamento feminino negro através da estética de cabelos e o consumo de cosméticos que se valem e se apropriam dos discursos de Resistências. É notável que todas as transformações tecnológicas que aconteceram em medidas, dentre diversos recortes sociais, afetaram de alguma maneira a ordem da lógica pela qual consumimos. Por meio desse maior acesso na realidade brasileira, sobretudo, no que diz respeito às realidades periféricas, onde a maior parte da população é negra, surgiram vários grupos com temáticas que formaram comunidades de práticas e saberes, à sua maneira se organizando, ganhando força e reinventando seus ativismos. O caso específico da luta das mulheres negras passa pela tentativa de quebra de padrões de beleza impostos por décadas, privilegiando a branquitude. Nesse contexto, surgem os grupos de transição Capilar na rede social *Facebook*, reinventando, resistindo e organizando novas formas de divulgação e empoderamento. Contudo, as publicizações não se limitam apenas a questões de produzir e reproduzir marcas, serviços ou produtos: trabalha-se, sobretudo, na sensação de inclusão social que aquele produto ou aquela prática poderá oferecer. Essa ação na ordem do desejo de ser proposta por Mary Douglas, nesse caso, parte de uma feminilidade negra nunca antes tão “bem representada”. O trabalho observa os conteúdos comunicativos dos produtos da Salon Line, empresa brasileira de cosméticos, que aciona várias das muitas terminologias dos grupos de Cabelos Negros do *Facebook*, assim como as ponderações discursivas de suas membros a respeito dessas novas configurações de identidades. Analisar especificamente da linha #TodeCacho implica falar de uma linha exclusivamente dedicada a atender mercadologicamente um público muito numeroso, que as marcas ainda não conseguiam captar por conta de um padrão midiático de beleza que não envolvia mulheres negras e tampouco seus cabelos; isto é, uma estética negra, tendo como ponto de partida a estética capilar. A pesquisa também se propõe a tecer uma breve historicidade de experiência negra de mulheres no Brasil para entender o processo de apagamento e padronização estética que a hegemonia assume. Coloco como ponto de partida desta análise, ainda no campo discursivo, o que propôs, Baudrillard, Stuart Hall, Canclini e Mikhail Bakhtin, considerando, sobretudo, que o que é ideológico possui um significado que remete a algo situado fora de si, neste caso, sendo a linguagem, o instrumento utilizado pelas mídias sociais, e os produtos, a concretude representativa desses discursos, indo para além ao que de fato será consumido mercadologicamente e anexa significados às identidades.

Palavras-chaves: Transição Capilar. Colorismo. Feminismo Negro. Cabelos Crespos e Cacheados.

ABSTRACT

The present work has the objective of launching a look at the discursive and mediatic perspectives that involve black female empowerment through the aesthetics of hair and the consumption of cosmetics that use and appropriate the speeches of Resistances. It is noteworthy that all the technological transformations that took place in measures, within various social cuts, affected in some way the order of the logic by which we consume. Through this greater access in the Brazilian reality, especially with regard to the peripheral realities, where the majority of the population is black, suggest several groups with themes that formed communities of practices and knowledge, in their way organizing themselves gaining strength and reinventing their activism. The specific case of the struggle of black women goes through the attempt to break beauty standards imposed by decades, favoring whiteness. In this context, the hair transition groups appear on the social network *Facebook*, reinventing, resisting and organizing new forms of dissemination and empowerment. However, advertising is not limited to issues of producing and reproducing brands, services or products: it works mainly on the sense of social inclusion that that product or practice can offer. This action in the order of desire to be proposed by Mary Douglas, in this case, is part of a black femininity never before so well represented. The paper looks at the communicative contents of the Salon Line products, a Brazilian cosmetics company, which activates several of the many terminologies of *Facebook's* Black Hair groups, as well as the discursive weights of members regarding these new identity configurations. Analyze specifically line # TodeCacho implies talking about a line exclusively dedicated to serving a very large audience, which the brands still could not capture due to a mediatic beauty pattern that did not involve black women or their hair; that is, a black aesthetic, having as its starting point the aesthetic capillary. The research also proposes to weave a brief historicity of black experience of women in Brazil to understand the process of erasure and aesthetic standardization that hegemony assumes. I put as a starting point for this analysis, even in the discursive field, what Baudrillard, Stuart Hall, Canclini and Mikhail Bakhtin proposed, especially considering that what is ideological has a meaning that refers to something situated outside itself, in this case, being the language, the instrument used by social media, and the products, the representative concreteness of these discourses, going beyond what is actually consumed marketed and attaches meanings to identities.

Keywords: Hair Transition. Colorism. Black Feminism. Afro and Curly Hair.

Lista de Figuras

Figura 1 – Foto introdutória do grupo “Cacheadas em Transição” na rede social *Facebook*.

Figura 2 – Foto introdutória do grupo “Sou + cachos” na rede social *Facebook*.

Figura 3 – Imagem ilustrativa – HAIR TYPING de Andre Walker.

Figura 4 – Imagem da Categorização de textura proposta pelo grupo “Cacheadas em Transição”.

Figura 5 – Imagem descritiva e explicativa da Tabela de Categorização das texturas “Sou + Cachos”.

Figura 6 – Imagem Ilustrativa – Tabela de Cachos Salon Line.

Figura 7 – Imagem Ilustrativa – Receita Caseira Nutrição CN.

Figura 8 – Imagem Ilustrativa – Receita Caseira Nutrição CN.

Figura 9 – Encrespa Geral 2015 – Belo Horizonte.

Figura 10 – Encrespa Geral 2017 – Juiz de Fora.

Figura 11 – Encrespa Geral 2016 – São Paulo.

Figura 12 – Baile dos Crespinhos 2017 – Circo Voador, Rio de Janeiro.

Figura 13 – Baile dos Crespinhos 2018 – Instituto Black Bom, Rio de Janeiro.

Figura 14 – Campanha Primeira Linha de cosméticos para cacheadas e crespas Deva Curl – 2007.

Figura 15 – Campanha L'oreal HydraMax – 2012.

Figura 16 – Fructis Cachos Poderosos – 2014.

Figura 17 – Fructis Cachos Poderosos – 2014.

Figura 18 – Fructis Cachos Poderosos – 2014.

Me Gritaron Negra

Tenía siete años apenas,
apenas siete años,
¡Que siete años!
¡No llegaba a cinco siquiera!

De pronto unas voces en la calle
me gritaron ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
“¿Soy acaso negra?” –me dije ¡Sí!
“¿Qué cosa es ser negra?” ¡Negra!
Y yo no sabía la triste verdad que aquello escondía. ¡Negra!
Y me sentí negra, ¡Negra!
Como ellos decían ¡Negra!
Y retrocedí ¡Negra!
Como ellos querían ¡Negra!
Y odié mis cabellos y mis labios gruesos
y miré apenada mi carne tostada
Y retrocedí ¡Negra!
Y retrocedí...
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
Y pasaba el tiempo,
y siempre amargada
Seguía llevando a mi espalda
mi pesada carga

¡Y cómo pesaba! . . .
Me alacé el cabello,
me polveé la cara,
y entre mis cabellos siempre resonaba
la misma palabra
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Neeegra!
Hasta que un día que retrocedía,
retrocedía y que iba a caer
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¡Negra! ¡Negra! ¡Negra!
¿Y qué?
¿Y qué? ¡Negra!
Sí ¡Negra!
Soy ¡Negra!
Negra ¡Negra!
Negra soy

¡Negra! Sí
¡Negra! Soy
¡Negra! Negra
¡Negra! Negra soy
De hoy en adelante no quiero
lacia mi cabello
No quiero
Y voy a reírme de aquellos,
que por evitar –según ellos–
que por evitarnos algún sinsabor
Llaman a los negros gente de color
¡Y de qué color! NEGRO
¡Y qué lindo suena! NEGRO
¡Y qué ritmo tiene!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO
Al fin
Al fin comprendí AL FIN
Ya no retrocedo AL FIN
Y avanzo segura AL FIN
Avanzo y espero AL FIN
Y bendigo al cielo porque quiso Dios
que negro azabache fuese mi color
Y ya comprendí AL FIN
Ya tengo la llave
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
¡Negra soy!

— Victoria Santa Cruz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (OU QUANDO EU ME TORNEI NEGRA).....	17
1. É ATIVISMO? É MODA? É LUTA!	30
1.1. O processo de transição capilar e os grupos do <i>Facebook</i>	31
1.2. As dimensões do cyberativismo na luta das mulheres negras	42
1.3. Criação de redes de afeto: como faz pra resistir?	46
2. EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO: NOVA DIMENSÃO DE CONTRACULTURA.....	53
2.1. Entrelugares negros: a questão do colorismo	58
2.2. Narrativas de descobrimento e liberdade: do duro ao livre.....	64
2.3. Feminismo negro e representatividade midiática – a necessidade da criação de uma memória.....	67
3. GERAÇÃO TOMBAMENTO: APROPRIAÇÃO DISCURSIVA DO CAPITAL? 71	
3.1. O mercado e a invenção do produto negro	72
3.2. Publicidade e discurso: uma tentativa de movimento pautada no consumo – o caso da Salon Line	79
3.3. Vence-se a disputa ou transforma-se na concessão? – resistência e diálogo	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS	97

INTRODUÇÃO (OU QUANDO EU ME TORNEI NEGRA)

A escolha dos elementos e a instrumentalização da minha escrita são parte de um posicionamento e de um desejo de que este seja um trabalho que considere os saberes e fazeres ainda pouco contemplados na academia, que qualquer pessoa possa estar à vontade com a leitura.

Apesar das vivências que me posicionaram cultural e socialmente, posso dizer que me descobri negra há poucos anos. Antes disso, era morena clara do cabelo duro ou qualquer outra terminologia que coubesse nesse entrelugar. O caminho da descoberta não foi longo e acredito que menos doído que para muitas manas que conheço.

Sou professora formada pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP – UERJ), localizada em São Gonçalo, cidade estigmatizada por vezes pela pobreza e falta de aparelhos e recursos culturais, em São Gonçalo também morei a maior parte da minha vida, depois de ter mudado do Morro do Palácio, favela da zona litorânea de Niterói, onde nasci.

Por essa breve trajetória, é natural que se imagine a natureza da minha família. A maioria negra e toda ela favelada, muitos deles nunca puderam frequentar escolas, quiçá ingressar no mundo acadêmico.

Talvez parta de todos esses encontros a premissa do olhar que pretendo lançar a fim de registro do que tenho observado nesse recorte de tempo.

Ricoeur¹ diz que temos experiências diferentes com tempo. As diversas temporalidades são experimentadas de acordo com as circunstâncias em que se encontram.

Portanto, cabe ressaltar que a minha experimentação acadêmica sempre atravessada por uma conjuntura pouco favorável tem sido de especificidades diversas. Sou mãe de duas crianças, um delas tem autismo. E absolutamente todas as demandas da minha vida são de prioridades menores que a do cuidar deles. Trabalho em uma escola na Zona Sul do Rio diariamente.

¹ Refiro-me a ideia de não medida do tempo proposta por Paul Ricoeur em *Tempo e narrativa*, 1913, p. 23.

Restam-me os dias de disciplinas, os encontros do grupo de pesquisa, os translados e madrugadas para as leituras e os áudios do *Whatsapp* para ouvir minhas próprias reflexões acerca do que vejo pelo mundo e que de alguma maneira atravessam a minha pesquisa e transformam meu olhar.

Há alguns anos, comecei a lançar olhar sobre o que vinha acontecendo esteticamente com as meninas de cabelos crespos, com cores de peles de todos os tons, nos arredores das cidades do estado do Rio de Janeiro pelas quais transito, mais especificamente em minhas salas de aula de escolas de São Gonçalo e, ainda mais especificamente, em minhas salas de aula de um Pré-vestibular comunitário situado em Alcântara (bairro comercial e de trânsito intenso de pessoas da cidade), no qual tínhamos aproximadamente de perto de mil alunos por ano.

O número de meninas que acionavam a estética capilar atrelada a recursos discursivos, que elas mesmas chamavam de ‘empoderamento’, chamou ainda mais atenção e foi maior e mais forte a cada ano passado até aqui. Eram comuns também narrativas muito sofridas em relação aos discursos de ódio e racismos e de não mais precisar pertencer a um processo de formatação estética., envolvendo seus cabelos.

A essa altura, resolvi raspar a cabeça e recomeçar um trajeto sofrido, por fuga, esquecido desde a infância (quando me lembro de pedir desesperadamente para minha mãe para que alisasse meu cabelo). Tinha, de certa forma, apagado uma imagem da qual pouco me lembrava, para cada dia lembrar menos.

As minhas alunas, as manas que encontraram comigo e me falaram de suas experiências, meio que num ato mágico, fizeram ir despertando em mim essa autodescoberta. Comecei a participar de todos os grupos possíveis de cuidados com cabelo crespo e empoderamento negro nas redes sociais, mais efetivamente no *Facebook*.

Os grupos, principalmente os do *Facebook*, surpreenderam-me, inebriaram-me e instigaram-me de todas as maneiras naquele momento. Inebriaram pelo o poder do coletivo, de conseguir reunir tantas mulheres e tantas narrativas, de ter tanta gente ter tanta história parecida para contar. Surpreenderam pelos conflitos que ainda assim estão refutados naquelas

múltiplas e complexas identidades. E, sobretudo, instigaram a tentativa de responder, ainda que retoricamente, qual é o lugar da estética, especialmente a estética dos cabelos, na luta daquelas mulheres.

Esse 'ato mágico' me intrigou a saber quais eram os discursos reverberados ali que de alguma forma, traziam a tona o se tornar negro através de uma escolha estética que envolvia principalmente o cabelo, me fazia pensar sobre qual era real a importância de como aqueles corpos negros estariam se transformando e sendo transformados por novas e antigas práticas de saberes e consumos. Sobretudo, me colocava diante de possíveis estratégias de uma reorganização do que já pode ter sido o residual proposto por Willians, que agora dialogava com o emergente e que procurava então seu momento de brecha para penetrar uma hegemonia estética silenciadora de décadas.

Da transição capilar como um processo de luta e das observações das trajetórias narrativas das participantes faz nascer esse projeto, que ainda engatinha.

Todavia, vale ressaltar, colocando por meio do posicionamento de Becker no que diz respeito às representações substantivas, a proposição das construções que temos a partir das imagens que construímos ao estudar os diversos âmbitos e grupos sociais:

(...) e eu também penso, que a operação básica quando se estuda a sociedade – começamos com imagens e terminamos com elas – é a produção e o refinamento de uma imagem da coisa que estamos estudando. Aprendemos um pouco (talvez muito) sobre algo em que estamos interessados. Com base nesse pouco, construímos (ou imaginamos) uma história bastante completa deste fenômeno. (...) Quer sejamos leigos ou estudiosos, vemos necessariamente qualquer área não conhecida da vida em grupo através das imagens que já possuímos (BECKER, 2015, p. 127).

Existem, obviamente, influências e confluências que tornam um tanto mais sinuosa a construção do meu lugar de pesquisadora neste fluxo. Pensar sobre as possíveis certezas implícitas no meu imaginário, bem como associar categorias teóricas que caibam nesse caminhar, implica refletir sobre as possíveis imbricações que a pesquisa já pronta trará. As trajetórias das sujeitas da pesquisa, no caso a dos grupos que tenho observado e suas

participantes, acabam me movimentando dentro do campo, ao passo que me faz estar engajada nos grupos participando ativamente e também interagindo com meus sujeitos de pesquisa.

O meu receio maior era, no início da pesquisa, que meu trabalho estivesse fazendo um desserviço à luta das mulheres negras. Contudo, o meu olhar de pesquisadora, ainda em construção, também se dá a partir das reflexões que fiz e de realizar que minhas trajetórias de vida e descobertas estão diretamente ligadas também ao meu processo de formação intelectual e acadêmica, o meu maior desafio é então refletir sobre o estar/viver no/o campo e como essas experiências me afetam e geram inferências nos discursos que estão em disputas nos grupos e para fora deles.

Outro fator crucial para entender de onde partem essas reflexões é o relato pelo qual começo este texto. Por questões de genotipagem, tendo em vistas as vivências de minhas ascendências e como meu corpo ocupa lugares específicos junto da informação do determinismo genético que me coube, bem como as questões de fenotipagem, que envolvem os traços negros que em mim se mostram, sobretudo o cabelo crespo, me fazem habitar um entrelugar que hora, para o movimento, me positiva como mulher negra e periférica, dentro de suas próprias deontologias, e ora me nega pelos meus fenótipos ou por posicionamentos que eu tenha acerca deles. Os lugares das falas envolvidas parecem acessar e acionar binarismos, tão comuns para a cultura hegemônica de uma maneira geral, mais que parece precisar existir para a reafirmação estratégica de identidade dessas frentes.

No caminhar subsidiado pelas teorias que as disciplinas propuseram, desligamentos das pré-noções para o campo e de tantas outras entrecertezas, se transformaram em possíveis hipóteses e olhares outros sobre o que seria a construção do nosso objeto, a começar por ele mesmo. O exercício da escrita, as primeiras impressões do campo e as leituras teóricas de Becker² foram substanciais para conseguir identificar o que caberia ou não na pesquisa, levando em conta os meus questionamentos, o que o campo está oferecendo e

² BECKER, Howard. *Truques da escrita*: para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

logicamente, dentro das possibilidades de vinte e quatro meses sem bolsa de auxílio, trabalho e filhos.

Contudo, o desconforto sobre estar falando de um registro tão importante e tão legítimo das lutas dessas mulheres faziam as teorias e as circunstâncias ficarem ínfimas diante de todos os conflitos que passavam pelo meu posicionamento político e ideológico, principalmente pautado pelo cenário político catastrófico no qual estamos, me colocavam diante da possibilidade de um produto final, dentro toda essa trajetória de escrita, não compatível a forma que esse movimento se transforma e contribui para a luta.

As reflexões feitas a partir de todos os encontros coletivos, em minha opinião os mais proveitosos, com colegas de turma, professores e autores me inclinaram e me deixaram a vontade comigo e com meu campo para escrever sobre o processo. E isso foi o passo mais importante até aqui.

Comecei a conversar com as meninas dos próprios grupos, moderação e as participantes, sobre minha ideia de pesquisa, minhas dúvidas e meus receios, e, naturalmente, que todas as identidades sejam preservadas.

Continuo participando do grupo, talvez menos ativamente que antes. Esse distanciamento tem servido não só ao um autoexame de surdez, por estar tão próxima do campo. Contribui também para que eu consiga analisar o que produzo, enquanto ativo meus engajamentos, e colabora com a construção do meu lugar de pesquisadora, do campo e, de uma forma mais geral, do meu campo de pesquisa.

Compreendo que seja importante para este trabalho observar discussões acerca da maneira como as mulheres constroem e desconstroem identidades referentes à estética capilar que positiva e aciona um esforço de respostas práticas e concretas sobre as positivações de cultura negra. Utilizando o conceito do Hall de essencialismo estratégico e suas ponderações sobre multiculturalismo, também compreendo que esses pressupostos estão de certa maneira condensados em minhas hipóteses.

Serão observados e campo dessa tessitura grupos do *Facebook* com lidam a temática/engajamento de estética capilar negra/crespa, envolvendo cuidados, práticas e consumo. Os grupos são brasileiros, fechados e moderados por poucas participantes. Eles possuem naturezas bem

semelhantes, todos compostos exclusivamente por mulheres. É importante colocar que os grupos possuem deontologias próprias e também práticas e consumos semelhantes e muito vezes equivalentes entre as participantes, apesar de algumas especificidades.

Tenho trabalhado com narrativas das participantes dos grupos escolhidos, especialmente, aquelas se autodeclararem negras e que passam/passaram pelo processo de transição capilar. A ideia é que elas falem do processo.

Não há um critério para as escolhas das participantes, entretanto, tenho trabalhado com as participantes que propõem discussões nos grupos e acabam gerando fórum de ponderações acerca da temática proposta, como geralmente funcionam os grupos de *Facebook*, não só esses.

O tempo de escrita, a resposta do campo e as análises dos dados já pesquisados serão o termômetro para que as formas dessas trajetórias apareçam na dissertação.

As entrevistas estão se dando de forma semi estruturadas, e geralmente tendo uma pergunta disparadora com ponderações acerca das trajetórias do protagonismos estéticos e de retomada da identidade negra através dos cabelos. Haja vista que essas terminologias aparecem em grande expressão dentro dos grupos de cabelo e são recorrentes nas narrativas das entrevistas que já pude realizar.

Pretendo enfatizar, no que diz respeito a dados, sobretudo: as regras de participação dos grupos/termos de responsabilidade; as postagens e interações nos grupos, de maneira genérica; os eventos criados no grupo e divulgados neles também; os memes que são publicados, bem como as reações; as divulgações de produtos e serviços e as marcas discursivas, bem como léxico específico para as interações que inferem no grupo e para fora dele.

Todas as entrevistas começam com a provocação a respeito do que foi/como está sendo o processo de transição capilar. Todas as entrevistas presenciais foram realizadas tendo como disparadores a participação e importância dos grupos que analiso para o processo de transição capilar de cada participante e como esse processo reafirmado pelo grupo afetou sua vida nas mais diferentes instâncias.

Na análise das práticas e interações sociais dos grupos, debruço meu olhar sobre a construção das identidades, das *comunidades* e dos sujeitos, através dos diversos engajamentos que o grupo propõe e pressupõe.

Foram estudados três grupos do *Facebook* com lidam a temática/engajamento de estética capilar negra/crespa, envolvendo cuidados, práticas e consumo. Os grupos são brasileiros, fechados e moderados por poucas participantes. Eles possuem naturezas bem semelhantes, todos compostos exclusivamente por mulheres. É importante colocar que os grupos possuem deontologias próprias e também práticas e consumos semelhantes e equivalentes entre as participantes.

Coloco em discussão as regras de participação dos grupos/termos de responsabilidade; as postagens e interações nos grupos, de maneira genérica; os eventos criados no grupo e divulgados neles também; os memes que são publicados, bem como as reações; as divulgações de produtos e serviços e as marcas discursivas, bem como léxico específico para as interações que inferem no grupo e para fora dele.

Tendo em vista que todos os grupos são secretos, preservarei as imagens bem como os fóruns de discussão imagéticos e farei uma descrição densa relatando as reações e percepções das participantes que estiverem diretamente envolvidas.

As entrevistas das participantes que se darão pelo inbox do próprio *Facebook* se darão da mesma maneira. Evocarei os conceitos propostos pelas participantes, como tenho feito com os demais teóricos, compreendendo que as práticas são dotadas de saberes muito pertinentes e convenientes para a discussão sobre o processo. Quando necessário, colocarei na nota de rodapé alguma informação importante para compreensão da citação.

Falando ainda no que diz respeito aos grupos, apesar de se apresentarem em uma proposição macro de estética e negritude, tem pontos muito singulares em suas perspectivas. Para nortear as investigações destas construções, me basearei nas articulações entre cultura e identidade negra, atrelados a processos densos, movedições e pluralizados imersos no decorrer da história e das relações culturais.

(...) O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. Isto é, de forma diretamente contrária àquilo que parece ser sua carreira semântica oficial, essa concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. Ela tão pouco se refere, se pensarmos agora na questão da identidade cultural, àquele “eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, com uma história e uma ancestralidade partilhadas, mantém em comum (HALL, 2006, p. 107-108).

Uma vez expostas subjetivamente em vários níveis de visibilidade dentro dos grupos, tanto no que diz respeito a consumo, como no que se diz respeito a articulação política e ideológica, fazem coexistirem necessidades distintas, nas quais as participantes se apresentam diante das outras, construindo suas regras de acordo com os valores reconhecidos e legitimados por determinada comunidade, numa tentativa de ser aceita por ela e gerando conflitos para a construção de identidade dos próprios grupos.

Para atender a demanda do lidar com a questões das redes sociais, por hora, me valho de autores como Pierre Lévy, em **CiberCultura** e **Manifesto Cyborg** de Donna Haraway, também conceitos metodológicos mais recentes acerca das Autoetnografias, Etnografia Digital e Desterritorialização.

Especialmente para os linguistas e as teorias sociais, a cultura atrelada à linguagem seria um fenômeno autocontido e independente. Para entendermos em outras palavras, apesar das proposições culturais e de linguagem interagirem no âmbito social, estas tendem a perder a significação social e cognitiva de sua interação. Portanto, temos a linguagem associada à cultura abstraída das práticas sociais, em alguns autores elementares da Linguística e da Análise do Discurso, como Saussure³ ou o próprio Goffman⁴.

³ Ferdinand de Saussure um linguista e filósofo suíço, cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência autônoma. Exerceu grande influência sobre o campo da teoria da literatura e dos estudos culturais. Defendia a Linguística como um ramo da ciência mais geral dos signos, que ele propôs fosse chamada de Semiologia.

⁴ Erving Goffman cientista social, antropólogo e sociólogo canadense. Sua contribuição mais conhecida para a teoria social é o seu estudo sobre interação simbólica com seu livro **A Representação do Eu**.

Cabe ressaltar mediante aos objetivos, a noção que, ao analisar os grupos *Facebook*, todo o campo das práticas no seu sentido social carrega respectivas identidades e especulações comunitárias. Deste mesmo modo, as formas de participação adquirem o valor simbólico semiótico da forma linguística, sendo constante, simultânea e mutuamente construídas e desconstruídas. A forma linguística simbólica também agrega a si identidades outras.

A representatividade de uma *Comunidade de Prática*, segundo as ideias de Eckert e McConnell-Ginet⁵, prevê um engajamento de um determinado grupo em conjunto para atividades de qualquer natureza na qual as pessoas envolvidas constroem em colaboração, umas com as outras, um sentido em torno da própria comunidade e de quaisquer outros aspectos como: os tipos de membros que participarão, múltiplos assuntos, privilégios ou autoridade.

Tomando por base essa representação, em todas as *comunidades de prática*, cultura e linguagem interagem entre si e com outros veículos, que fazem das sistematizações simbólicas as proposições para compreensão de cada uma delas, bem como das identidades construídas por seus membros e as relações que ela fará com comunidades outras, no caso, no *Facebook* ou fora dele.

Também entrevistarei as mulheres que passaram pelo processo de transição capilar na tentativa de investigação das questões identitárias que passam pela estética dos cabelos no que os grupos mesmos chamam de “tornar-se negra”.

Muito embora socialmente a participação dessas mulheres nos grupos em geral se dê através da linguagem, as interações conjunturais, para além dela, têm papel crucial nas mediações entre sociedade e identidade.

Para Etienne Wenger⁶, o importante na compreensão da terminologia das *comunidades* é que delas se extinguem quaisquer características em vieses de localização e pessoal específico e se relevam os engajamentos sociais

⁵ Utilizo as ideias de Comunidades de Prática de Penelope Eckert e Sally McConnell-Ginet em “Comunidades de Práticas: lugar onde coabitam linguagem, gênero e poder” (1992). In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Org.). **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

⁶ Ideias de Etienne Wenger em **Communities of Practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

práticos. Pois a linguagem e as interações culturais fazem valer tal conjunto e engajar, não meramente, um lugar engessado e fixo ou mesmo um grupo específico de pessoas. Portanto, seria sempre interessante alcançar de onde partem as disputas identitárias a respeito dessa negritude para melhor compreensão do processo desses engajamentos.

Investigar como se dão as interações sociais, os engajamentos práticos múltiplos e a incorporação das diferentes práticas que configuram uma comunidade de prática, além de ser uma oportunidade e registro desses grupos sociais é uma forma de entender as representações das múltiplas identidades que distribuem culturalmente as ideologias, as historicidades e as disputas que nela estão contidas.

Logo, estou prezando a tentativa de analisar e compreender a sociabilidade específica desses grupos conjuntos de interações culturais e atuações sociais observáveis que o campo me fará julgar relevantes para o processo de construção/desconstrução de identidades nessas comunidades do *Facebook*. Sendo estas capazes de reproduzirem, resistirem e consolidarem, momentaneamente e seguidas de mudanças, a organização de cada um dos grupos analisados.

É parte de meu almejo na pesquisa analisar as identidades colocadas na apresentação e interação das participantes com o objetivo de entender as respostas afirmativas dos dados em relação à positivação de algumas identidades em detrimento de outras e dos conflitos para a criação de uma identidade maior que possa ser facilmente ativada por todas as membros, de cada territorialidade prática, uma vez que na realidade elas tendem a mudar constantemente.

É possível que haja, talvez mais especificamente em grupos de engajamentos raciais, uma noção intrínseca de pertencimento que pode fugir à alçada da compreensão da identidade singular do indivíduo. Resgatando a ideia de Hall de “homogeneização cultural”, na atual compressão de mundo, seria muito mais interessante e pertinente que conseguíssemos enxergar as estratégias através dos elementos que perpassam sua identidade e a maneira pela qual interage culturalmente e socialmente em grupos simbólicos, fazendo dele uma representação identificável visualmente, para posterior associação a

uma comunidade específica. As minhas reflexões estão estruturadas em três capítulos.

Procuo trabalhar com o que é a experiência e a historicidade de negritude no Brasil e os caminhos que foram percorridos para que pudéssemos chegar no que consigo enxergar hoje. Neste trabalhão há a tentativa de um resgate da contribuição da chegada e dos processos do movimento negros no Brasil, sobretudo, no que diz respeito a representatividade das mulheres negras nesse movimento.

Observar o processo colonizador sul americano pelo qual o Brasil criou politicamente suas marcas identitárias acerca de negritude e acionar os eventos históricos que influenciaram essa construção me parecem fundamentais para que comecemos qualquer observação a respeito.

Esses novos acionamentos identitários estão alocados em um tempo muito específico e marcado pelo imediatismo dos acontecimentos e seus *reports* em tempo real via internet, principalmente, quando falamos de redes sociais.

As redes sociais como mídia alternativa e regulada de uma maneira quase incapaz de remediar conteúdos que não são interessantes a engrenagem capitalista acaba sendo um campo propício para que os diversos ativismos se organizem e articulem meios de existência.

Os meios de existência são formas de resistência e terreno para práticas engajadas e que não necessariamente precisam do físico, na sua definição literal, para acontecer. O cyberativismo pode ser encarado como alternativa para endosso do ativismo de mulheres que socialmente delegadas às funções tão bem conhecidas por nós.

Incluir-me no processo de reconhecimento e falar de mulheres negras e de periferias foi necessário entender que as funções maiores em quantidade e em demanda pessoal.

Uma vez organizadas e engajadas em práticas silenciadas por tanto tempo, em rede, essas mulheres disputam narrativas de fuga de padrões estéticos de embranquecimento e inventam uma gramática de afetos, quebram fronteiras e fazem interseções de lugares antes engessados até pela própria forma do como suas negritudes lhe eram dispostas.

No decorrer dos capítulos, considero interessante a reflexão sobre o decorrer destes últimos sete anos sendo possível perceber um movimento do mercado acerca desses acionamentos identitários, a invenção de produtos negros e as tentativas de representatividade que no momento são pautadas no consumo.

Para este trabalho também me interessou investigar quais são as estratégicas hegemônicas que estão inseridas nessa reconfiguração de acionamentos, bem como as que vêm para apresentar o que há de novo no movimento de reconhecimento e engajamento das mulheres negras neste processo reafirmação de padrões estéticos que podem registrar e representar essa nova negritude feminina dos últimos anos.

Sobretudo, o objetivo deste olhar é a tentativa de compreensão das articulações e sistematizações complexas das diversas e possíveis formas de atuações/interações culturais, vertendo olhar sobre o jogo de subjetividades e sociabilidade que pressupõem e se constituem nas interações culturais desses grupos e dessas sujeitas, para as construções de suas plurais identidades, dentro das identidades comunitárias das quais a membro participa e na qual a membro infere também para fora dela.

1. É ATIVISMO? É MODA? É LUTA!

*Bem-vinda,
ao mundo das mulheres lindas
Vai fazer bem pra você
Conhecer o seu poder
Em terra de chapinha quem tem cacho é?
Em terra de chapinha quem tem cacho é?
Em terra de chapinha quem tem cacho é?
Rainha!*

— Campanha da Garnier Fructis, 2015

Há uma breve historicidade de fatos acerca do surgimento, sobretudo através das redes sociais, dos ativismos femininos negros que giram em torno da temática da estética de cabelos.

As marcas discursivas e que inventam poderes sociais dentro dos grupos, e que, de alguma forma, como estratégia de sobrevivência e luta, apontam para um jeito “correto” de se tornar ou permanecer negra. Questionamentos no que diz respeito às questões de colorismo e tensões de não privilégios/privilégios, ascendência e vivências de negritude também estarão contidas aqui.

(...) Eu penso que estética e luta caminharam juntas. De me assumir completamente como negra, de criar a minha identificação. E sim, ter feito a transição me salvou. Não depender da Química e conseguir me aceitar (BERNARDES, 2016)⁷.

O Empoderamento gerado e atribuído pelas sujeitas da pesquisa à estética negra e não padrão e o surgimento de uma “cultura na contra mão do capital” de saberes e fazeres estéticos que não obedecem aos padrões de consumo que esses ativismos pressupõem bem como o aumento significativo e consideravelmente rápido do positivamento desses discursos.

As criações de redes e coletivos que fizeram esse ativismo quebrar barreiras de dominação dentro de padrões culturais de identidade.

⁷ Entrevista concedida por Aline Bernardes, participante do grupo Cacheadas em Transição em agosto de 2016, via conversa privada no *Facebook*.

1.1. O processo de transição capilar e os grupos do *Facebook*

O Brasil tem vivido, nos últimos anos, um momento de efervescência política, ao contrário do que muitos críticos esperavam a participação política tem crescido auxiliado pela popularização da internet e surgimento das redes sociais, a partir do *Facebook* e *Twitter* muitas pessoas entraram em contato com ideais, pautas e reivindicações resultando em ruas ocupadas por grandes manifestações coordenadas por figuras desconhecidas.

Esse cenário político que tem como característica a pulverização de causas e reivindicações, contudo é notório que também tenha propiciado o fortalecimento de um movimento que surge com a intenção de chamar a atenção para uma questão social e de representatividade estética e que foi que vai tomando uma bandeira política imensurável inseridas discussões como racismo e preconceito.

Nas mídias sociais como *YouTube*, *Facebook*, blogs e sites, mulheres compartilharam suas experiências e técnicas no intuito de suavizar as fortes diferenças entre a realidade de suas naturezas e o mundo representativo do feminino que as cercavam. Nessas mídias, são formadas redes de solidariedade e apoio mútuo, nas as jovens que passaram pelo processo foram apoiadas e encorajadas a não desistirem, além disso, receitas, produtos e técnicas são trocados.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário. O entendimento da simbologia do corpo negro e dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade negra em nossa sociedade. Em torno da manipulação do corpo e do cabelo do negro existe uma vasta história. Uma história ancestral e uma memória. Há, também, significações e tensões construídas no contexto das relações raciais e do racismo brasileiro (GOMES, 2012).

Afim de compreender um pouco de como se deram esses novos acionamentos de identidades, articulações e trocas entre mulheres e como

essas redes de afetos vem sendo auto-organizadas e retroalimentada pela mesma energia que as consome, escolhi por critérios simples dois grupos do *Facebook* que são significativos em expressões numéricas e de discussões a respeito.

Os grupos estudados foram “Cacheadas em Transição”, no momento com 241.518 membros e “Sou + cachos”, no momento com 65.958.

Figura 3 – Foto introdutória do grupo “Cacheadas em Transição” na rede social *Facebook*



Fonte: SILVA et al., 2015.

Figura 4 – Foto introdutória do grupo “Sou + cachos” na rede social *Facebook*



Fonte: BENICIO et al., 2015.

Os dois grupos acima são autodeclarados como grupos de apoio e tem descrições bem assertivas acerca do seu principal objetivo como podemos ver na descrição do Grupo Cacheadas em Transição:

O grupo Cacheadas em Transição, fechado e exclusivamente feminino, foi criado para incentivar e ajudar, com dicas e troca de experiências, meninas que decidiram se libertar de químicas transformadoras como alisamentos, relaxamentos, progressivas e afins a assumir e valorizar sua beleza natural, todas Cacheadas e Crespas são Bem-vindas. PROIBIDO O INCETIVO AO USO DE QUÍMICA NO GRUPO (exceto tintura e descoloração). (**Cacheadas em transição**, 2017).

Tanto dentro das principais discussões do grupo, onde não a moderação para a expressão de fato e ideias, podemos observar que há um incômodo bastante relevante quanto ao incentivo de uso de químicas transformadoras de fio no grupo.

Todos os grupos dos quais venho participando, de maneira mais branda ou mais incisiva, condenam o uso desses tipos de química, bem como o uso de produtos específicos como sulfatos e petrolatos.

Para além do que “deve ser usado” ou não nos grupos, ainda que no grupo existam mulheres de diferentes de diferentes acessos econômicos e atravessadas por questões culturais distintas, há bastante ênfase na questão da preservação dos Direitos Humanos, sobretudo quando as inferências acontecem no campo da misoginia, dos machismos e do racismo.

O processo de transição capilar, assim denominado pelos grupos, é o processo que se atribui toda a retirada de químicas transformadoras de cabelo.

Ele se dá, geralmente, por um fase de ascensão da raiz capilar de forma natural ou ainda pelo que se chama de BIG CHOP:

Nos EUA, já ocorre, há alguns anos, um processo de libertação dos cabelos massacrados por químicas alisantes, o chamado BIG CHOP, que pode ser traduzido como o grande corte. Ele surgiu quando as negras americanas, cansadas da imposição cultural do longo e liso e ao mesmo tempo aflitas pelos danos capilares que conquistaram com tantos procedimentos químicos, resolveram unir forças e remar contra a maré (**Cachos e Fatos**, 2013).

Não somente essa terminologia, mas tantas outras começam a ser acionadas trazidas e traduzidas de grupos originários do EUA alguns anos antes.

É importante frisar que como não registros do processo de como se deram essas chegadas vocabulares, o uso dos próprios grupos em geral, foram o suficiente para que se legitimasse o uso dos mesmos e que os próprios grupos conseguissem fazê-los significantes dentro de seus contextos.

Existem vários glossários acerca de todo o universo crespo, contudo, sugiro aqui o que está no grupo Sou mais cachos, para que juntos observemos alguns dos nomes através dos quais os grupos e suas membros interagem:

No poo - Rotina seguida por algumas crescheadas que visa a não utilização do shampoo como método de limpeza, utilizando-se de outros artifícios como condicionadores ou bicarbonato, ou limão, ou vinagre e etc. Pelo fato de não se utilizar shampoo deve-se utilizar produtos sem a presença de silicones insolúveis em água.

Low poo - rotina seguida por algumas cacheadas que visa a utilização de shampoo sem sulfato ou seja, shampoo que não faz espuma. Também tem-se que utilizar produtos específicos, sem silicones insolúveis e sem petrolatos/derivados do petróleo. Eu sigo esta rotina, por ser mais fácil de achar os produtos e aconselho a todos que sofrem de ressecamento nos cabelos.

Co-wash - método que se utiliza o condicionador para fazer a limpeza do cabelo no lugar do shampoo. Usado por quem faz no/low poo. Pode-se batizar o condicionador com anfóteros - cocobetaína - para aumentar o poder de limpeza.

Fitagem - método de finalização do cabelo cacheado. Consiste em passar o creme de pentear, mousse ou gel, mecha a mecha no cabelo fazendo fitas no cabelo. Essas fitas podem ser feitas com o auxílio dos dedos ou com escovas específicas para isso exemplo: escova denman ou avon.

Day after ou DA - é o dia seguinte ao dia em que você lavou o cabelo, ou seja, é um dia em que você não vai lavar seu cabelo. Neste dia você pode arrumar o cabelo, mas sem lavá-lo novamente.

Óleo vegetal - Óleo 100% vegetal ou seja sem a presença de parafina ou óleo mineral na sua composição.

Óleo essencial - mistura de substâncias voláteis extraídos de plantas. Muito usado nas indústrias de cosméticos e muito

utilizado como conservante, antifúngico e essência em algumas preparações caseiras da cacheadas.

EG ou extratos glicólicos - É uma fórmula concentrada do ativo principal. Muito utilizado na indústria cosmética.

Cronograma Capilar ou CN - é uma maneira de organizar os tratamentos feitos no cabelo. É dividido em três fases: hidratação ou H, nutrição ou N e reconstrução ou R. Consiste em separar as máscaras capilares de acordo a sua composição em hidratação, nutrição e reconstrução. Cada uma tem o momento certo de usar, pois uma fase depende da outra, a ordem depende do estado do cabelo (SOU MAIS CACHOS, 2017).

Para além dos glossários que existem, mas intrínsecos a ele, existem tabulações propostas pelos grupos.

As tabelas dos grupos seguem um modelo proposto por Andre Walker, nascido em Chicago e filho de mãe negra retinta e pai caucasiano e ganhador de sete Daytime Awards, o Andre Walker System ou simplesmente The Golden System, criado no fim de década de 90, que foi atrelado a uma linha de produtos desenvolvidas por ele e a sua sócia, Dianne Hudson. No site oficial da empresa Andre, temos um esquema proposto por Andre:

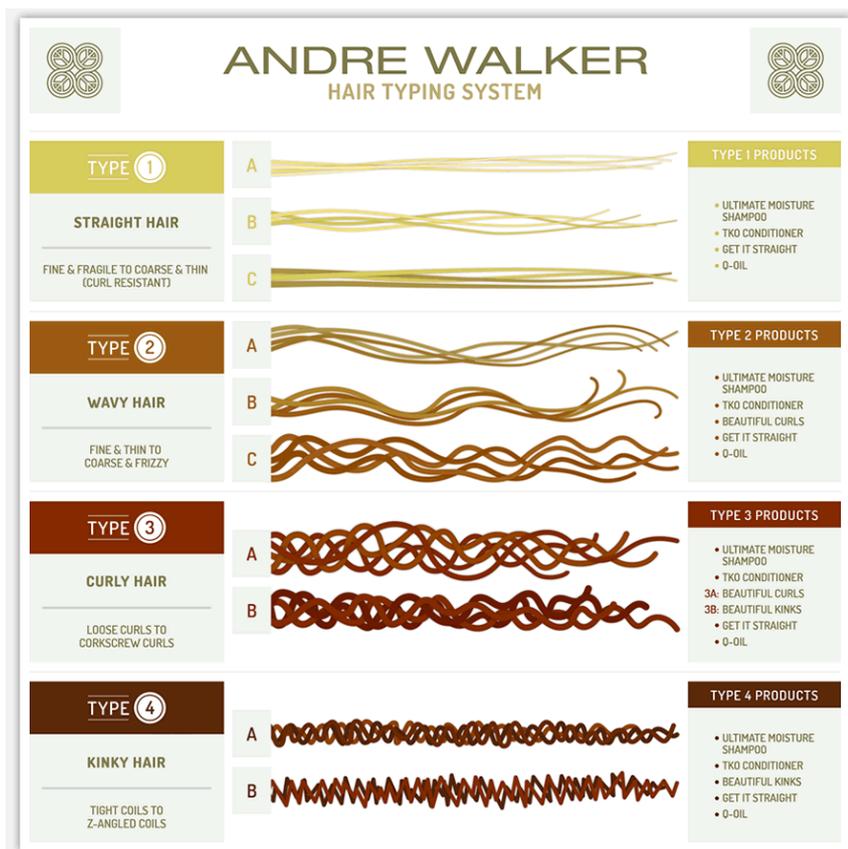


Imagem ilustrativa - do HAIR TYPING de Andre Walker

Essa tabelação só chega aos grupos de cabelos com temática do processo de transição na primeira década dos anos 2000, sendo fortemente difundida e ressignificada pelo aparecimentos dos grupos em geral, como é possível ver nas mais variadas criações encontradas no grupos:

Imagem da Categorização de textura proposta pelo grupo Cacheadas em Transição

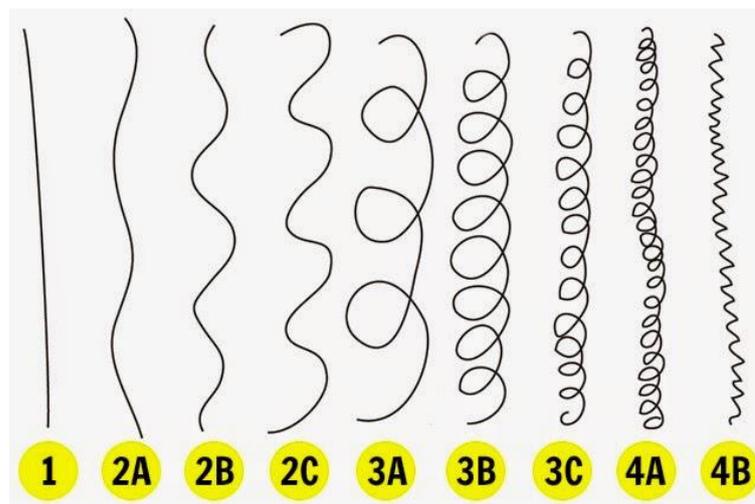


Imagem descritiva e explicativa da Tabela de Categorização das texturas Sou Mais Cachos

TIPOS DE FIO	CARACTERÍSTICAS
2: ONDULADOS	<i>Não chega a forma cachos e tem a raiz mais lisa</i>
	2A(fino): Quase liso, fácil de modelar, de pouco volume,
	2B(médio): Ondas mais marcantes, não chega a formar cachos, tendência ao frizz.
	2C(grosso): Já começa a formar cachos, volumoso e com ondas marcantes
3: CACHOS SOLTOS	<i>Tendência ao frizz principalmente em dias úmidos, espirais em "S"</i>
	3A(fino): Cachos mais abertos, definidos e pesados.
	3B(médio): Cachos menores e mais definidos, volumoso, pontas ressecadas
	3c(grosso): Caso apertadinho e fechados, fio mais grosso, quase crespo.
4: CRESPO	<i>Geralmente conhecidos como Afro, mais secos e frágeis</i>
	4A(fino): Lembra o 3C só que mais grosso. Cachos estreitinho e em "S" quando estica
	4B(médio): Mechas em forma de "Z", menos definidas, mais denso e frágil
	4C(grosso): Mais crespos e cachos estreitíssimos, quase imperceptíveis.

www.faladantas.com

Imagem ilustrativa Tabela de Cachos Salon Line

Qual seu tipo de cabelo?

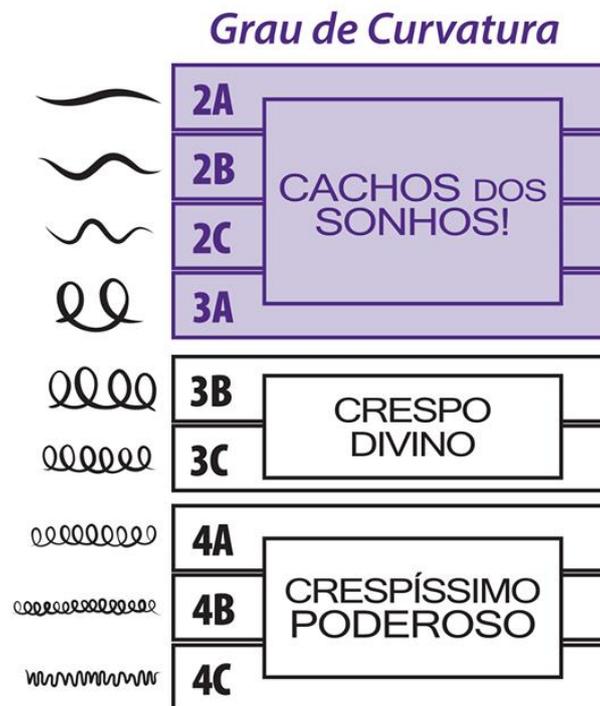


Imagem ilustrativa da tabelação capilar – Salon Line

Tanto o grupo Cacheadas em Transição, quanto o grupo Sou mais Cachos foram fundados e idealizados em 2012, ano em que muitas marcas de produtos capilares como L'oreal Paris, Dove e Garnier lançaram mundialmente e localmente, campanhas que promoveram linhas específicas para cabelos cacheados.

Os slogans sempre vinham carregados de termos como liberdade, controle e poder.

Contudo os grupos assumiam outras identidades que iam justamente de encontro ao mercado. Uma vez que não haviam produtos específicos para cabelos crespos e cacheados, a maior parte das discussões e trocas de informações estavam na atmosfera de um contra consumo.

A maior parte das divulgações estavam vinculadas com receitas caseiras e, sobretudo, baratas, que incluíam ingredientes acessíveis par o cuidado diário e o tratamento ao longo do Cronograma Capilar, CN, proposto em todos os grupos dos quais participei.

O Cronograma Capilar, nos anos de 2012 e 2013, funcionava como um tratamento cíclico e inventado pelos próprios grupos, que funcionava como uma agenda capilar básica e totalmente voltada par o uso de plantas e ingredientes naturais que repunham/faziam a manutenção de nutrientes nos cabelos.

Fontes naturais diversas compunham as mais variadas receitas que eram facilmente encontradas nos grupos até 2015.

As duas a seguir, foram as últimas postadas nos arquivos do grupo “Cacheadas em Transição”:

Nutrição com Maionese

SEGUNDA, 20 DE JULHO DE 2015

A maionese é um molho feito a base de óleo, geralmente de soja e ovos. Estes , por sua vês, são ingredientes excelentes para dar brilho aos cabelos.

1ª Opção

Receita:

1 colher de maionese

2 colheres de máscara de hidratação ou nutrição Misture em um potinho e passe nos cabelos lavados mecha por mecha, deixe agir por 30 minutos.

2ª Opção

1/2 pote de maionese de 250g

3 colheres de azeite extra-virgem

Imagem Ilustrativa – Receita Caseira Nutrição CN

Nutrição com Leite de Coco e Creme de Leite

SEGUNDA, 20 DE JULHO DE 2015

O creme de leite é gorduroso e beneficia para a recuperação da oleosidade.

O óleo de coco oferece uma ótima nutrição para os cabelos por causa dos seus ácidos graxos e ajuda na reparação de cabelos fracos e danificados.

Creme de Nutrição

Leite de coco

Creme de leite

Óleo de coco (ou da sua preferência)

MODO DE PREPARO:2 colheres de sopa de leite de coco 2 colheres de sopa de creme de leite Uma quantidade do creme de hidratação/nutrição da sua preferência Uma quantidade dos óleos que você escolher

Imagem Ilustrativa – Receita Caseira Nutrição CN

Contudo, par além de como os grupos modelam e transformam as formas de chamamento e significado de cada um dos termos que lhe são convenientes, é importante sabermos o que o processo significa e como ele se deu/se dá sob a perspectiva dos olhares de quem passou por ele.

Muitas das entrevistadas, quando perguntadas como foi o processo de transição para elas, evocaram as palavras aceitação, descoberta e reconstrução.

Hall sugere:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, a ocupação dos de fora. E também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 2003, p. 338).

Com essas reflexões acerca das disputas, subsidiadas pelas ideias de Hall e Williams, pretendo é possível enxergar que essa brecha na hegemonia cultural traz esses acionamentos emergentes de posituação e reafirmação de identidade negra e feminina, que ao meu olhar é indissociável dos possíveis

residuais históricos, de dentro e fora do país, e, sobretudo, do momento conjuntural em que acontece sob as minhas observações.

Podemos dizer que o *Facebook*, bem como as redes sociais em geral é site/aplicativo de participação massiva, uma vez que levarmos em conta os membros registrados e a frequência com a qual utilizamos. Segundo Panteli e como outros pensadores da antropologia e psicologia, afirmam que esse grande número de usuários é capaz de provocar um efeito aglomerado, formando, de certo modo, um grupo sólido que tende a atuar de maneira homogênea e consistente para as questões que lhe forem pertinentes.

Ainda neste âmbito, pesquisas realizadas por autores que Panteli cita em sua obra, demonstram que o tempo que esses utilizadores despendem nesse site/aplicativo atrelada à rotina contemporânea da falta de tempo despendido pessoalmente, faz com que mais interações culturais e sociais aconteçam nessas esferas.

Contextualizando como nesse momento de experimentação de temporalidades imediatas e diferentes contatos temporais com os meios de comunicação, as mulheres negras viram/veem nas mãos uma possibilidade de potencialidade de suas lutas através do agrupamento virtual; com as comunidades de Prática de Wenger e Eckert que prevê um engajamento de um determinado grupo em conjunto para atividades de qualquer natureza na qual as pessoas envolvidas construam em colaboração, do elenco Discursivo.

Djamila Ribeiro, se valendo das ideias de Collins nos alerta da necessidade de nomearmos e conceituarmos nossos fazeres para que possamos entender o recriar os novos processos, alinhando nos com o que Davis já propunha quando dizia que que o feminismo negro e ainda mais o da América Latina e Caribenho, pelas questões multiculturais e plurais, precisa de mais que acionamentos de teorias que não nos autorizavam em termos, para que assim consigamos recriar uma nova ordem de termos e, naturalmente, novas ordens de organização do pensar.

Foucault propõe acerca das inferências de poderes no discurso:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é

simplesmente que ele não só pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Contando com os grupos e todas as terminologias das quais se apropriaram e ressignificaram para conceitos que cabem pra nosso contexto latino e brasileiro, essas nomeações inferiram diretamente na ordem de funcionamento do mercado da cosmética de cabelos. E uma lacuna discursiva de muitas décadas estaria prestes a ser preenchida de maneira nunca antes conhecida.

1.2. As dimensões do cyberativismo na luta das mulheres negras

A criação e participação ativa nos grupos do *Facebook* me parecem os principais meios pelos quais a transição capilar chegou até as sujeitas de pesquisa, com os engajamentos e os conceitos propostos por Haraway acerca dos diversos cyberativismos, sobretudo no que diz respeito às lutas do feminismo.

Giovana Barcelos propõe:

Daí por diante, conversei com amigas e amigos que já passaram pela transição e eles foram me inserindo em grupos do facebook, me mostrando sites e coisas relacionadas à isso, fui me informando e conhecendo mais. Então, acredito que em 2015, decidi fazer o chamado BC (big chop), quando se corta todo tipo de química do cabelo e deixa ele crescer ao natural (BARCELOS, 2016).

Em sua colocação, Giovana relatou ter sido fundamental a rede de relações que construiu e como começa a se ver no processo de Transição a partir do momento em que ela começa a participar dos grupos e trocar experiências e informações.

O longa #agoraquesãoelas da diretora Ellen Paes, aborda diversas narrativas acerca das possibilidades do cyberativismo, inclusive tirando o que conseguimos enxergar quando lemos a terminologia proposta pelos mais

diversos movimentos sociais que o depreciam, chamando-o de ativismo de sofá.

De forma múltipla, tanto no filme quanto na elucidação dos discursos que tenho observado, sobretudo, por contas dos diversos papéis delegados majoritariamente às mulheres, o cyberativismo permitiu que as mulheres, ainda que em seus trabalhos, cuidando de seus filhos ou diante de qualquer impedimento de estar presente fisicamente nas lutas e nas ruas, que se articulassem e se organizassem para as lutas que atravessam os desafios de ser mulher na dada sociedade machista e patriarcal.

As características desse movimento, a sua forma de organização e atuação política, podem ser compreendido através dos estudos sobre redes de movimentos sociais (WARREN SCHERER, 2006).

Para Warren, as manifestações se integram em rede no momento de intensa d globalização. Este modo de organização extrapola fronteiras isso auxiliado pelo uso da internet, redes sociais, e-mail, entre outras ferramentas.

As ações desenvolvidas podem não se restringirem apenas ao mundo virtual, elas naturalmente acabam por ocupar as ruas e espaços públicos em manifestações que visibilizam as suas causas quebrando também as barreiras entre o virtual e o real.

Sabemos bem que na Internet, usuários entram em contato com diversas causas e também compartilham seus posicionamentos, podendo se tornarem o organizadores ou líder de alguma ação social imediata, já que não há uma clara hierarquia e os centros de poder se colocam de maneira deslocada, permitindo o surgimento de movimentos para além dos moldes da militância mais tradicionais.

Esse contexto social de globalização e multiculturalismo propicia novos tipos de ativismo, com reivindicações cada vez mais transversais e plurais, alterando o protagonismo para a sociedade civil, como um dos grandes ganhos. Podemos atribuir este acontecimento ao empoderamento desses sujeitos para que se tornem atores do seu tempo buscando superar contextos de exclusão. O contato com esses diversos conteúdos e os acessos às mais diferentes plataformas de informação propicia a reconfiguração de posturas dessas identidades.

A identidade étnica, ou que podemos chamar por hora, de pertencimento, organiza um coletivo de pessoas em torno de aspectos comuns tendo por objetivo uma forma de estar no mundo, desenvolvendo projetos e ações políticas, poderia ser confundida com outros tipos de identidades coletivas. Contudo, um ponto que é capaz de distingui-las das demais é a hipótese de uma origem comum, a partir um lugar que une os indivíduos que compartilham do mesmo conteúdo culturais.

Os cabelos crespos/cacheados tem funcionado como um marcador de diferença entre grupos da nossa sociedade. E, em uma via de mão dupla, informa uma forma de perceber o contexto que é diferenciada, estando mais atento a situação do negro.

Como funcionam, segundo Willians, todos os emergentes, este 'marcador' também se apresenta em um processo de disputa, no qual muitas ativistas afirmam que o cabelo cacheado esta contido no cabelo crespo e não assumir o cabelo como sendo crespo seria uma forma de negar a negritude, assim o processo de construção da identidade ocorre dentro desse conflito, por exemplo, mas também de tantos outros tão complexos quanto.

Pensando ainda em um contexto globalizado, as Identidades vão se tornando híbridas, através do que Hall sugere como processo de "tradução".

Segundo Hall, as diferenças culturais são postas em questão e o indivíduo, a partir do seu conteúdo indentitário mais enraizado, vai dando sentido ao mundo cultural que o rodeia. As culturas híbridas são "o produto de várias histórias e culturas interconectadas".

Esses contextos de contatos com diferentes grupos culturais propiciam o acirramento de posições em torno de suas identidades étnicas, sobretudo em âmbitos colonizados como o nosso.

As identidades assumem um caráter posicional dentro da estrutura, sendo sempre posta em negociação. A globalização favorece a descentralização das identidades, revogando, em tese, sua principal característica: ligar as diversas regiões do globo independente das fronteiras regionais. No fim do século XX, contudo, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, dos sistemas de transporte, favorecem a compressão das distancias e do tempo. Hall afirma e enfatiza que uma das características da globalização é “

‘compressão do espaço-tempo’- a aceleração dos processos globais , de forma que a sensação de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar tem um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.”

Essa nova configuração de mundo altera a forma como os indivíduos o percebem, porque definitivamente o fluxo entre as diferentes fronteiras estão facilitados e a mobilidade cresceu, levando as pessoas a estarem em contato com diferentes culturas e a partir daí desenvolverem novas formas de convivência e experiências nele.

Ainda sobre globalização, Hall sugere:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem si, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificações, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou transhistóricas (HALL, 2014).

A Internet passa a ser um espaço de produção de conhecimento, exposição de diferentes formas de ver o mundo, compartilhamento de conteúdo, nos últimos anos acompanhamos um movimento no mundo virtual que envolve blogueiras e vlogueira, mulheres negras, em defesa do uso do cabelo na sua textura natural, principalmente os cabelos crespos e cacheados. Tal fenômeno está inserido em um discurso de aceitação e valorização da estética negra ou mais profundamente, de raiz africana. No contexto da globalização, as reivindicações se fortalecem através de movimentos sociais em redes que altera a forma como estes são entendidos, propiciando o surgimento de formas de organização política como o ativismo de cabelo, que busca empoderar os sujeitos ao mesmo tempo que antigas referências indenitárias vão se esfacelando promovendo a reconstrução dessa sobre novas percepções.

Valendo-me das ideias de Canclini, que considera um movimento real a cessão estrutural e de espaço das lutas urbanas do espaço público às novas tecnologias, que como dito anteriormente, para a mulher colocada nos espaços

que o patriarcado designa, se torna uma excelente possibilidade de espaço de luta. Os grupos podem ser considerados lugares de organização e força, pelo quais, mais propósitos em comum se engajassem, um o ponta pé importante para articulação daqueles novos saberes e práticas.

1.3. Criação de redes de afeto: como faz pra resistir?

(...) O cabelo livre reafirma a nossa raça e a nossa história sim, mas eu não consigo me prender só a isso. Se não fosse pelo meu conhecimento anteriormente pelo mundo negro e os grupos talvez, essa “onda” não me afetaria (ANA CARLA, 2016).

Neste tópico detalharei as especificidades dos grupos que escolhi analisar. A priori, trago as teorias, já citadas e percorridas, das Comunidades de Práticas de Eckert e McConnell-Ginet que, neste caso, estão sendo configuradas em engajamentos de determinados grupos para atividades de qualquer que seja natureza de forma colaborativa.

Os conceitos acerca de rede apontam, visto que os dados com os quais tenho trabalhado e analisado têm sinalizado, ao meu olhar que há nos discursos uma declaração de afetividade que é promovida, a medida que as participantes apoiam-se entre si e acompanham o processo de transição na discussão central do grupo.

Os dois grupos analisados compõem em si e são encarados também como apoio no processo. Há, inclusive, tópicos específicos dentro dos próprios grupos acerca da questão da afetividade.

A cada declaração de qualquer posicionamento de desistência, dificuldade ou de descontentamento com o processo, as participantes se valem de discursos positivos de apoio, dois dos grupos (Cacheadas em Transição e Sou + Cachos) tem arquivos fixados que permitem as participantes acessar algumas das perguntas mais frequentes e textos motivadores e de força para que a participante declarante se sinta de fato abraçada e empoderada para dar continuidade à transição.

Deleuze propõe a ideia de sermos afetados constantemente, sejam as afecções ativas ou passivas e que estão para nós a medida que nos engajamos nelas.

Mas, justamente, o poder de ser afetado permanece constante, qualquer que seja a proporção das afecções passivas e das afecções ativas. Chegamos então à seguinte hipótese: a proporção das afecções passivas e ativas poderia variar por um mesmo poder de ser afetado. Se conseguirmos produzir afecções ativas, nossas afecções passivas diminuirão na mesma proporção. (DELEUZE, 1997, p. 151).

Acerca dessa proposta de Deleuze, quando perguntada sobre as redes de afetos que são criadas no grupo, Camila Wingler coloca:

(...) Comecei a conhecer meu cabelo, a testar a volumosidade dele, comecei a ver outras mulheres usando o cabelo natural e me senti liberta. Lembro que eu dizia que foi a melhor coisa que fiz na minha vida (WINGLER, 2017).

Partindo das proposições de afetos propostas por Deleuze, pretendo compreender a importância e a dimensão discursiva dos afetos promovidos pelos grupos através de suas membros.

Sobre as discussões dos grupos, e para além delas também é bastante comum encontrarmos extratos como estes:

“Um ano e quatro meses! Eu venci a transição!!”

“Olá meninaaas, vim aq dizer q estou cada dia mais feliz com a decisão q tomei a uns 2 anos atrás!! Já estou com 1ano e 2meses de BC! A cada dia mais apaixonada por mim mesma!! E o mais gratificante é saber q estou sendo inspirada e inspirando algumas meninas ao meu redor!! Beijuuu e obrigada pela atenção!”

“Olá meninas, fiz hj meu BC, mas vou confessar que eu não gostei dele curto desse jeito, enquanto cortava meu cabelo no salão eu cheguei a passar mal, quase desmaiei, eu gosto do meu cabelo natural, a questão aqui é o tamanho, sei que cresce, mas minha estima deu uma baixada e meu companheiro não ajuda”

Como disse anteriormente, os grupos se auto declaram como de apoio, e nesse formar de redes, eles vão além do âmbito das redes sociais virtuais.

Prova disso é a constante organizações de eventos que veiculam as ideias que difundem esses novos acionamentos identitários e a positivação de cabelos crespos, cito aqui dois: O Encrespa Geral e Baile dos Crespinhos.

O Encrespa geral é um Instituto de Promoção Humana, Desenvolvimento Social e Cultural que foi criado por Eliane Serafim no ano de 2013. O projeto incentiva o uso do cabelo natural, crespo e cacheado, a valorização da autoestima, estética e identidade negra. As ações do instituto englobam ainda, a divulgação da cultura popular afro-brasileira e africana, por meio de eventos semestrais.

Os encontros semestrais ocorrem nas capitais de todo país e no exterior, o Instituto chegou a promover encontros em Luanda (Angola), Dublin (Irlanda), Londres (Inglaterra), Itália (Milão), Melbourne (Austrália) e Miami (Flórida – EUA).

Estamos organizando tudo para recebermos um público maior já que a cada edição o número de participantes aumenta. Neste momento, a nossa missão é estruturar melhor os eventos e fazer novas parcerias para viabilizar o trabalho do Instituto que está nascendo. Não é só por cabelo! Queremos uma sociedade mais inclusiva e tolerante, que aceite a si mesmo e ao outro (Eliane Serafim em entrevista para o jornal **O Globo**, 2016).

Eliane, idealizadora do projeto, se articula com o empoderamento crespo desde 2011. Tudo começou quando ela decidiu criar no *Facebook* o grupo “Amigas Cacheadas” e os eventos começaram organicamente acontecer. Segundo Eliane, a organização desse movimento, a partir das redes sociais, possibilitou um crescimento muito grande e rápido. As discussões cresceram e viraram eventos. Depois disso, a criação do Instituto nos possibilitou ampliar ainda mais este projeto, que é de resgate cultural, histórico e social.

A inspiração ao uso do cabelo natural é hoje um movimento forte no Brasil e no mundo. O debate promovido pelo Encrespa Geral e a ação afirmativa de orgulho do cabelo crespo estão sendo a cada dia mais assimilados pelas pessoas, mídia e indústria cosmética, que tem produzido mais produtos para cuidados específicos dos cabelos crespos e cacheados. Tudo

isso, tem sido muito positivo para combater o preconceito racial e aumentar a conscientização sobre a identidade afrodescendente (GELÉDES, 2015).



Encrespa Geral 2015 em Belo Horizonte



Encrespa Geral 2017 – Juiz de Fora



Encrespa Geral 2016 – São Paulo

Muito embora os encontros do Encrespa Geral sejam abertos para o público masculino, prevalecem, em presença massiva as mulheres e as crianças.

Do Rio de Janeiro, mas atuante em outros estados, talvez um pouco por parte dessa demanda acerca de mães e crianças, temos o Bailinho da Crespinhos que é uma encontro musical voltado para as crianças e adolescentes. O objetivo do Bailinho é valorizar os movimentos musicais periféricos, como o funk, rap e samba.

Criado em 2015, o Bailinho já teve edições em festivais importante como o Festival Latinidades em Brasília, em encontro de referência como o Encrespa Geral em SP, RJ e MG e em grande feiras como a maior feira afro da América Latina, a Feira Preta.

O Bailinho conta com profissionais preparados e experientes e faz sucesso por onde passa. O baile se tornou referencia de alegria e liberdade e agrada a todos os públicos de todas idades. Contam com a presença da galera do JL e Cia, Dêlê Recicla e a pequena notável Elis Mc. Os

organizadores do evento também se preocupam muito com as questões de acessibilidade, se preocupando com as estruturas e intérpretes de LIBRAS para o público com que possua alguma necessidade específica.



Baile dos Crespinhos 2017 – Rio de Janeiro Circo Voador



Baile dos Crespinhos 2018 – Rio de Janeiro Instituto Black Bom

O Baile dos Crespinhos é organizado pela a Agência Crespinhos S.A. produtora especializada em crianças e adolescentes negros, segunda a própria idealizadora, Renata Moraes, essa é uma maneira modesta, de incentivar crianças e jovens negros a positivarem a sua própria imagens e formas de existir.

As duas iniciativas vêm compondo as tramas desse costurar de positivamentos acerca da estética negra, sobretudo, quando falo de cabelos e vem possibilitados, com mais que projetos e enunciações discursivas, mas na práticas de ocupação de espaços públicos.

2. EMPODERAMENTO FEMININO NEGRO: NOVA DIMENSÃO DE CONTRACULTURA

*E eu tenho outro problema
Eu sou a menina que nasceu sem cor
Para alguns, eu sou branca
Para outros, eu sou preta
Para muitos e muitos, eu sou parda
Ainda que eu sempre tenha ouvido dizer em por aí que parda é cor de
papel
A minha consciência racial quando me chamam de parda
Fica tão bamba quanto auto-declaração de artista pop
como Anitta quando pratica apropriação cultural
Eu sou a menina que nasceu sem cor porque nasci país sem memória
Com amnésia
Que apaga da história todos os símbolos de resistência negra
Que embranquece trajetória a cada brecha
Faz da Redenção de Cã
A sua obra prima
Monalisa da miscigenação
e oh, Ode ao milagre da miscigenação
Calcado no estupro das minhas ancestrais
Na posse de corpos que nasceram para serem livres
Na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos
E não importa que para alguns eu seja a menina que nasceu sem cor
Que falte melanina para minha pele ser retina
Que o meus traços não sejam tão marcados
O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado
Que por muito tempo fez com que odiasse
Os traços genéticos do meu pai herdados
Me odiasse
Me mutilasse
Meu cabelo alisasse
Meninas pretas não brincam com bonecas pretas
Mas faço questão de botar no meu texto que pretas e pretos estão se
amando
Se amando
Porque me chamam por aí de parda
Morena moreninha mestiça
Mulata café com leite marrom bombom
Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor
Mas um dia gritaram-me:
Negra!
E eu respondi.*

— Midria

A única razão pela qual você diz que a raça não foi um problema é porque você deseja que não fosse. Todos desejamos que não fosse. Mas é uma mentira. Eu vim de um país onde a raça não era um problema; Eu não pensei em mim mesmo como preto e eu só me tornei preto quando eu vim para a América.

Sabemos que a história do Brasil foi e ainda é marcada por questões que envolvem a mestiçagem desde seu início. Quando falamos das questões históricas que envolvem negritude, a mestiçagem é ainda mais complexa de ser analisada por motivos muito óbvios, mas, sobretudo em decorrência da nada pacífica chegada, permanência e exploração colonizadora europeia.

Além dos índios nativos, brancos portugueses, como é sabido tão repetidamente por nós, escravos vindos de diferentes áreas do continente Africano.

Essa mestiçagem que se originou de maneira marcadamente violenta e opressora. E os vários tons de pele se revelam ainda hoje em questões políticas e econômicas que são indispensáveis a qualquer debate sobre identidade racial.

A construção de uma identidade racial no Brasil é forjada também nessa pigmentocracia que acaba sendo um fator social relevante quando falamos de historicidade, uma vez que datadamente acontece e tenciona desde que ocorria pela exploração sexual até nas relações inter-raciais, nos nossos dias.

A cultura de classificação de tom de pele que aconteceu no país e suas origens históricas começam nas teorias, hoje consideradas racistas e fascistas, nas quais se defendia uma metodologia específica e de cunho científico para atestar a inferioridade negra.

Contudo, segundo Munanga, a intensidade do fenômeno de mescla de raças no Brasil que só dão conta de um passado muito recente envolvendo os séculos XIX e XX, ocorrida justamente no período pós-abolicionista, tem uma problemática nunca antes pensada para sociedade brasileira até então e que naturalmente aconteceria: como considerar os negros cidadãos? como seria construída essa identidade de negros libertos? como isso seria encarado para as políticas do país?

Para aquela época, como ainda conseguimos enxergar hoje, considerar o negro recém liberto como parte ativa da sociedade ameaçava o imaginário de realza e branquitude europeia já idealizado e estabelecido aqui.

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí porque a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim século XIX e que repercutiu até meados do século XX.

Por tais razões, entendi que dedicar uma parte destas reflexões a construção/desconstrução ou reconstrução/retomada de uma insurgência negra que até então não havia sido absorvida pela cultura hegemônica ou pelas culturas dominantes.

Hall, no livro da Diáspora, propõe que consigamos experimentar a experiência da negritude voltando o olhar para história, sobretudo a história da nossa experiência de colonização europeia. Não há produção acadêmica no âmbito cultural ou sociológico que aborde especificamente a experiência de negritude brasileira no seu todo. Mas, é possível e bem visível aos olhos as experiências sociais que envolvem a negritude. Sobretudo, a negritude quando falamos de mulheres.

Se e quando um historiador contar corretamente as experiências das mulheres negras ele ou ela terão feito um inestimável serviço. Não apenas pela acuidade histórica que esse estudo deve ser conduzido, mas pelas lições históricas dessa era escravagista e que poderá acender a corrente da batalha das mulheres negras e todas as mulheres pela emancipação. Como leiga, apenas posso propor um ensaio de ideias que podem possivelmente guiar um reexame da história das mulheres negras durante a escravatura (DAVIS, 1982).

Angela Davis propõe que voltemos a história para entendermos o processo pelo qual, desde a escravidão a mulher negra está para a sociedade, os processos de trabalho que para elas são atribuídos e como essas padrões repercutem nos modelos identitários que até hoje são pauta de discussões no movimento e motivos de luta.

Em uma outra reflexão, Angela traz a seguinte ponderação “quando as mulheres negra se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade”.

Se levarmos em consideração que a maioria das pesquisas envolvendo a temática de negritude no Brasil foram elaboradas por homens brancos, tomando a população negra como mero objeto de estudos, reverberando o

“problema negro” de Ramos, podemos perceber que há uma retomada recente tanto da parte indenitária que caminha o trajeto da hegemonia, influenciada sem dúvidas pelos intelectuais negros que permearam, mesmo em meio a tantas dificuldades estruturais e institucionais, o caminho acadêmico da relação raciais no Brasil, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Edson Carneiro.

Há de frisar, ainda, que somente depois da década de noventa é que conseguimos observar com quantidade mais expressiva, o número de professores, pesquisadores e alunos negros nas Universidades do país.

Também cabe a nós, uma vez, pensando nas produções e nos registros históricos que um trabalho invoca que muitas Universidades foram criadas a partir da primeira década dos anos 2000, bem como as políticas afirmativas de cotas raciais e sociais.

Tanto no que diz respeito a produção registros, na mobilização política ou na manifestação artística de maneira assertiva, isso mexe nas engrenagens e remonta os signos da Universidade Brasileira.

Figueiredo, quando pondera a situação brasileira acadêmica em relação à produção de material que discuta relações raciais, afirma que essa nova configuração contribui significativamente para a produção de dados e também para as reivindicações ativistas de negritude, culminando no que chamamos de políticas de cotas e mudando não só a composição demográfica nas Universidades, mas também impactando positivamente a produção e significação do conhecimento.

A escritora Ana Paula Lisboa é um dos frutos desse que nasce das árvores das políticas afirmativas, como as cotas, o Prouni e o Fies. Ela foi uma das participantes da mesa “Primeira pessoa”, na Flup, deste ano. No momento, Ana Paula está cursando graduação em Letras em uma faculdade particular. Assim, como eu, Ana Paula também foi a primeira a ingressar na faculdade dentro de seu núcleo familiar, pelo ProUni, Programa Universidade para Todos que foi um programa criado no governo do Presidente Luís Inácio Lula d Silva, ministrado pelo então Ministro da Educação em 2004, Fernando Haddad que oferece bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior, destinadas a estudantes brasileiros de baixa renda e sem diploma de

nível superior. Ela se inscreveu no processo seletivo sem contar aos pais, a quem só avisou quando tinha o resultado em mãos (**O Globo**, 2018).

Em uma matéria recente do Jornal O Globo acerca da auto intitulação “ A geração de Intelectuais Negros que a s políticas Afirmativas ajudaram a formar” histórias de negros e negras são contadas a partir de uma perspectiva da reparação social e histórica necessária que mudou e segue mudando padrões anteriormente inabaláveis.

Tatiana Brandão também foi a primeira de sua família a ingressar em uma Universidade e afirma que não teria conseguido o diploma se não fossem as cotas.

No momento, Tatiana é consultora em desenvolvimento de liderança e, entre outras iniciativas, se destaca seu trabalho na Aasplande e na Educafro. Tatiana se formou em design em uma universidade particular que adotava a política de cotas raciais, recebendo uma bolsa do 50% na época.

Se não fossem as cotas, eu não conseguiria cursar. Acordava às 4h, saía de Belford Roxo às 5:40, chegava à Barra da Tijuca para ter aula às 7:30, 11:40 saía da aula, às 13h começava o turno do trabalho como atendente júnior em um shopping, saía de lá 22:20, chegava em casa meia-noite (Tatiana Brandão – **O Globo**, 2018).

A história de Tatiana, e todas as dificuldades que passou para que pudesse estudar endossou a exposição “Mulheres Negras Brasileiras Presença e Poder”, em 2017, em Nova Iorque.

Ainda na mesma entrevista, a professora Fátima Lima, do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais da Cefet/RJ e do Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ, conta que a diversidade dos alunos é um ponto positivo e que os alunos verdadeiramente a desafiam cada vez mais no sentido de estar preparada para a sala de aula. Ela mesmo propõe:

As políticas afirmativas têm tensionado as relações de saber a partir do momento em que esses estudantes chegam com vontade, com o pensamento crítico afiado, conectados com o mundo e com as redes, estimulando professores a reverem seus planos de curso (Fátima Lima – **O Globo**, 2018).

Também nessa entrevista, se apresenta o Evandro Ramos relatando que sua mãe que teve de abandonar os estudos ainda no primário para trabalhar como babá e como empregada doméstica. Para sua família, o ingresso na universidade algo que ele só conseguiu após a implementação das cotas e do Prouni representou mais do que um orgulho fraterno. Evandro acredita que mesmo com a entrada nas Universidades, ainda faltam bastantes passos para caminharmos em pé de igualdade:

Me chamou a atenção que a maioria dos teóricos que citei na monografia eram brancos. No mestrado, eu busco romper essa sistemática. Quando pensamos na construção intelectual, tendemos a pensar no que está dentro do contexto erudito, mas existe uma análise muito rica sobre a realidade brasileira nesses dois autores (Evandro Ramos – **O Globo**, 2018).

Neste mesmo passo, outro ponto fundamental na discussão de Hall é a sugestão que toda vez que as questões acerca de negritude são colocadas em discussão há momentos conjunturais que influenciam essas continuidades.

A criação leis, políticas públicas, criações/extinções de Ministérios e entidades públicas, registros musicais, plásticos e literaturas que de maneira geral contribuíram para a construção do imaginário da mulher negra brasileira.

Os entrelugares que são atravessados por fatores de genotipagem, fenotipagem e vivências das ocorrências e urgências das mulheres negras brasileiras de uma maneira geral, abordando e me arriscando num conceito pouquíssimo proposto e discutido pela academia que é o Colorismo, no Brasil.

2.1. Entrelugares negros: a questão do colorismo

Debruçar-se sobre os grupos, entrevistas, as representatividades midiáticas e artísticas para tentar compreender melhor os processos de acionamentos identitários implica a construção de um jeito que, me parece, ser apresentado como um jeito “correto” de ser ou tornar-se negra acionados

estrategicamente pelo movimento para a sua sobrevivência e o que me parece a necessidade de criação de uma memória. E assim, debruçar meu olhar sobre as questões que ajudam a dimensionar e reafirmar socialmente o lugar que assumem agora as narrativas das mulheres negras.

Segundo Aline Djokic (Blogueiras Negras, 2015), o colorismo ou o que chamam de pigmentocracia pode ser compreendido nos atos de discriminação pela cor da pele e textura de cabelo, sendo talvez enxergado melhor e tendo mais ocorrência em países que sofreram colonizações europeias. Quando entrevistada por mim sobre os possíveis lugares do colorismo, Ana Carla pondera:

Depois de 22 anos seguindo aquilo que sempre me foi imposto, estava na hora de me conhecer por completo. Então, comecei esse meu 23 deixando o meu cabelo crescer, coloquei a Box braid para auxiliar e estou focada em libertar o meu 4c. Mas, não vou mentir, estou com medo. Existem fantasmas que assolam toda mulher que possui o cabelo 4c. Por mais que eu siga inúmeras blogueiras, cada 4c tem uma forma diferente, então o receio é o do descobrimento do meu 4c, de como eu vou passar a me vê e como será cuidar dele com nenhum tipo de química. É uma luta sim, mas primeiro é uma luta diária e individual. O empoderamento que se é falado e visto não pode estar preso apenas ao cabelo, mas ao entendimento que se tem quando decidimos não nos machucarmos mais. Poucas falam, mas as meninas de cabelo fino como o meu, sofrem MUITO com as químicas, pois elas queimam o couro cabelo. Inúmeras vezes precisei lavar meu cabelo com soro por causa das feridas que eram causadas (Ana Carla – Cacheadas em Transição, 2017).

Ao falar do seu cabelo 4c, categorização proposta por todos os grupos analisados e também fora deles, Ana Carla se coloca em um lugar que não é comum a outras ou a todas as mulheres que se declaram negras. Nos grupos, muito se discute a respeito do que seria o conceito de Colorismo.

Nos indicativos históricos acerca da literatura esse termo foi usado pela primeira vez pela autora Alice Walker no ensaio “If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?”, que foi publicado no livro “In Search of Our Mothers’ Garden” em 1982.

Apesar de ser academicamente ainda pouquíssimo discutido e estar presente sem motivos de surpresa, em trabalhos científicos que envolvam a temática da construção e/ou desconstrução dos olhares descolonialistas e

colonialistas, sobretudo nas áreas de História e Antropologia, há somente um trabalho brasileiro que evoca o conceito no qual Xavier reforça a necessidade de se discutir e desconstruirmos a passividade da “cultura mulata” que está colocada para os afro-americanos e de repensar o local de nossa mestiçagem.

Cada vez mais esse termo (colorismo) está disposto às discussões e vem fazendo uma inferência atípica na origem discursiva de poder. Os grupos e movimentos negros, sobretudo os acerca da estética, seguem tencionando essa questão, que mesmo tão importante é pouco dimensionada cientificamente

Pretendo discutir sobre esse conceito partindo, sobretudo dos olhares que as entrevistadas me apresentam e pensando os aspectos sociais e de ordem cultural, dentro desse movimento e para fora dele, que colocam o colorismo como pauta relevante para as discussões e acionamentos de identidades.

Sabemos que a história do Brasil foi e ainda é marcada por questões que envolvem a mestiçagem desde seu início. Quando falamos das questões históricas que envolvem negritude, a mestiçagem é ainda mais complexa de ser analisadas por motivos muito óbvios, mas, sobretudo em decorrência da nada pacífica chegada permanência e exploração colonizadora europeia.

Além dos índios nativos, brancos portugueses, como é sabido tão repetidamente por nós, escravos vindos de diferentes áreas do continente Africano.

Essa mestiçagem que se originou de maneira marcadamente violenta e opressora e os vários tons de pele se revelam ainda hoje em questões políticas e econômicas que são indispensáveis a qualquer debate sobre identidade racial.

A construção de uma identidade racial no Brasil é forjada também nessa pigmentocracia que acaba sendo um fator social relevante quando falamos de historicidade, uma vez que, de maneira datada acontece e tensiona desde que ocorria pela exploração sexual até as relações inter-raciais, nos nossos dias.

A cultura de classificação de tom de pele que aconteceu no país e suas origens históricas começam nas teorias, hoje consideradas racistas e fascistas,

nas quais se defendia uma metodologia específica e de cunho científico para atestar a inferioridade negra⁸.

Contudo, segundo Munanga, a intensidade do fenômeno de mescla de raças no Brasil que só dão conta de um passado muito recente envolvendo os séculos XIX e XX, ocorrida justamente no período pós-abolicionista, tem uma problemática nunca antes pensada para sociedade brasileira até então e que naturalmente aconteceria: Como considerar os negros cidadãos? Como seria construída essa identidade de negros libertos? Como isso seria encarado para as políticas do país?

Para aquela época, como ainda conseguimos enxergar hoje, considerar o negro recém-liberto como parte ativa da sociedade ameaçava o imaginário de realeza e branquitude europeia já idealizada e estabelecida aqui.

A pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça dessa elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí porque raça tornou-se o eixo do grande debate nacional que se travava a partir do fim século XIX e que repercutiu até meados do século XX⁹.

Por tais razões, entendi que dedicar uma parte destas reflexões a construção/desconstrução ou reconstrução/retomada de uma insurgência negra que até então não havia sido absorvida pela cultura hegemônica ou pelas culturas dominantes.

Hall, no livro da Diáspora, propõe que consigamos experimentar a experiência da negritude voltando o olhar para história, sobretudo a história da nossa experiência de colonização europeia. Não há produção acadêmica no âmbito cultural ou sociológico que aborde especificamente a experiência de negritude brasileira no seu todo. Mas, é possível e bem visível aos olhos as experiências sociais que envolvem a negritude. Sobretudo, a negritude quando falamos de mulheres.

Se e quando um historiador contar corretamente as experiências das mulheres negras ele ou ela terão feito um

⁸ GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. 1991.

⁹ MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 1999, p. 51-52.

inestimável serviço. Não apenas pela acuidade histórica que esse estudo deve ser conduzido, mas pelas lições históricas dessa era escravagista e que poderá acender a corrente da batalha das mulheres negras e todas as mulheres pela emancipação. Como leiga, apenas posso propor um ensaio de ideias que podem possivelmente guiar um reexame da história das mulheres negras durante a escravidão (DAVIS, 1982, p. 10).

Angela Davis propõe que voltemos à história para entendermos o processo pelo qual, desde a escravidão, a mulher negra está para a sociedade, os processos de trabalho que para elas são atribuídos e como esses padrões repercutem nos modelos indenitários que até hoje são pauta de discussões no movimento e motivos de luta.

Em uma outra reflexão, Ângela traz a seguinte ponderação “quando as mulheres negra se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade”.

Se levarmos em consideração que a maioria das pesquisas envolvendo a temática de negritude no Brasil foram elaboradas por homens brancos, tomando a população negra como mero objeto de estudos, reverberando o “problema negro”¹⁰ de Ramos, podemos perceber que há uma retomada recente tanto da parte indenitária que caminha o trajeto da hegemonia, influenciada sem dúvidas pelos intelectuais negros que permearam, mesmo em meio a tantas dificuldade estruturais e institucionais, o caminho acadêmico do das relação raciais no Brasil, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Edson Carneiro.

Há de frisar, ainda, que somente depois da década de noventa é que conseguimos observar com quantidade mais expressiva, o número de professores, pesquisadores e alunos negros nas Universidades do país.

Também cabe a nós, uma vez, pensando nas produções e nos registros históricos que um trabalho invoca que muitas Universidades foram criadas a partir da primeira década dos anos 2000, bem como as políticas afirmativas de cotas raciais e sociais.

Tanto no que diz respeito à produção registros, na mobilização política ou na manifestação artística de maneira assertiva, isso mexe nas engrenagens e remonta os signos da Universidade Brasileira.

Figueiredo, quando pondera a situação brasileira acadêmica em relação à produção que material que discutam relações raciais afirma que essa nova configuração contribui significativamente para a produção de dados e também para as reivindicações ativistas de negritude, culminando no que chamamos de políticas de cotas e mudando não só a composição demográfica nas Universidades, mas também impactando positivamente a produção e significação do conhecimento.

Neste mesmo passo, outro ponto fundamental na discussão de Hall é a sugestão que toda vez que as questões acerca de negritude são colocadas em discussão há momentos conjunturais que influenciam essas continuidades.

Segundo Bell Hooks, é de extrema importância que prossigamos a luta feminista levando em conta o uma vantagem que está sob a perspectiva da marginalidade e que aí está o grande diferencial para que estrategicamente consigamos trabalhar com um contra-hegemonia. Em outras palavras, Hooks considera fundamental e única a participação de opressões que se cruzam para significarem e ressignificarem novas formas de existência.

Logo, não é de se estranhar que, apesar de ser academicamente ainda pouquíssimo discutido e estar presente, em trabalhos científicos que envolvam a temática da construção e/ou desconstrução dos olhares decolonialistas e colonialistas, sobretudo nas áreas de História e Antropologia, há somente um trabalho brasileiro que o evoca o conceito no qual Xavier reforça a necessidade de se discutir e desconstruirmos a passividade da “cultura mulata” que está colocada para os afro-americanos e de repensar o local de nossa mestiçagem.

Cada vez mais esse termo está disposto às discussões e vem fazendo uma inferência atípica na origem discursiva de poder. Os grupos e movimentos negros, sobretudo os acerca da estética, seguem tencionando essa questão, que mesmo tão importante é pouco dimensionada cientificamente.

Valendo-me das ideias de Djamilia Ribeiro e reforçando que muito da miscigenação se origina de estupros cometidos contra corpos negros é de suma importância frisar que qualquer trabalho escrito que se proponha a analisar o

processo histórico que precede a terminologia, que por muito tempo optou pela romantização da mestiçagem, hoje é trazido como problemática e discutido dentro dos mais diversos âmbitos das ciências humanas e entre pessoas que não participam ativamente da Academia.

A própria autora sugere, concordando com a estudiosa Janaína Damasceno, que a experiência da negritude feminina no Brasil está indissociavelmente ligada à colonização e a cultura do estupro, portanto é extremamente importante que mantenhamos nossas atenções e olhares voltados para o quanto ainda se faz necessário pontuarmos e posicionarmos nossas ideias e forças para essas questões.

2.2. Narrativas de descobrimento e liberdade: do duro ao livre

É vasto uso de variados termos para definir esse cabelo, os termos nativos comum são “cabelo natural”; que refere-se a um suposto estado de natureza, por ser o cabelo que nasce sem utilização de química de transformação da estrutura do fio, mas esse cabelo é cuidado com vários tipos de cremes e produtos, industrializados ou não, maneiras de texturizá-los que de alguma forma modifica a sua aparência, mesmo que os efeitos obtidos não durem tanto tempo como no caso do uso das químicas de transformação e os cabelos “crespo”, “cacheado” e “afro”; que estão relacionados à aparência do cabelo, ondulado, espiralado ou encrespado, mas esses termos também denotam uma disputa, onde os cabelos crespos seriam os mais próximos dos africanos, então quem os possui teriam mais legitimidade ao se assumirem como negros, já que as possuidoras do cabelo cacheado não seriam alvo de tanto preconceito por conta desse formato está mais próximo do cabelo que é considerado como “bom” ou mais “passável”, para os padrões sociais.

Discursivamente e em massa, ainda procuramos uma qualificação dos cabelos taxando-os como “bom” ou “ruim” (QUINTÃO, 2013).

A autora explora o construto social de décadas: que o cabelo “bom” é aquele que se aproxima da textura dos cabelos das pessoas brancas, que na

sua maioria são lisos, e o cabelo “ruim” são os que possuem características negroides com textura crespa e encaracolada.

Para a autor, o fato de muitas mulheres não se sentirem bem sendo de possuidoras de um cabelo “ruim”, “indomável”, “feio”, é o que as faziam recorrer ao uso de químicas de transformação buscando um resultado o mais liso possível, usando produtos com variadas formulações ou para obtenção de um efeito “natural” com menos volume ou com espirais que sejam bem “comportados”. Submetendo-se a um padrão de beleza que também era reproduzido e reforçado tanto pela indústria cosmética e salões de beleza especializados quanto pela mídia que alimentava esse mercado, oferecendo ainda uma infinidade de produtos e técnicas para obtenção desses efeitos.

Os estudos sobre cabelos recentemente produzidos no Brasil, buscam relacioná-los com a afirmação de uma identidade negra, percebendo os afastamentos e aproximações com esta a partir das modificações que submetem os cabelos, como alisamentos, relaxamentos, permanentes. Além disso, buscam perceber como os meios de comunicação representam positiva ou negativamente os cabelos com textura afro, apontando para as redes sociais como forma de contrapor as visões sobre cabelo produzido pelas mídias convencionais (MATOS, 2016).

Desde as primeiras entrevistas, consigo observar, num número consideravelmente grande de acionamentos discursivos que envolvem construções sintagmáticas como “conquistar liberdade”, “tornar-se livre”, “ficar livre”, “ser livre”. Em todos os discursos observados por mim até agora, eles estão colocados em frentes que representam o material e o imaterial, como coloca Ludmylla Gonçalves:

(...) Adotei o Black Power, durante a transição. Foi quando eu conheci o feminismo negro, pelo qual milito através de um coletivo de mulheres negras que eu faço parte, e agora, estou numa nova etapa: deixar de usar o Black Power pra saber como ele se comporta maior do que já está. Fazer a transição Capilar não é apenas se reencontrar-se. No meu caso, e, no da maioria das mulheres negras que relaxam o cabelo desde antes dos cinco anos de idade, a transição é um processo de ENCONTRAR-SE mesmo! De ser livre, de ficar livre! Se descobrir a cada dia (Gonçalves, 2017).

Assim como na fala de Ludmylla, não é difícil encontrar nos grupos que observo postagens como essas:

“6 meses de Bc, 6 meses de liberdade !!! #Melhorescolha”

“Ouvi muitas críticas, muitos falavam q ele era mais bonito relaxado, que fiquei feia, q parecia um homem, q era uma suruzinha... Enfim... Maaas, O melhor é ver que valeu a pena! Muito a pena! Que não sou mais ESCRAVA da química!” (**Sou mais cachos**, 2016).

Os acionamentos da palavra liberdade como conceito proposto por elas, está bem longe da conceituação filosófica grega e tampouco se envolve com padrões do liberalismo. Ele está intrínseco ao que vou chamar aqui de ditadura de padrões racistas velados sob lógicas de um cabelo que pode ou não ser aceito socialmente.

Os conceitos de liberdade são pouco discutidos pelos autores pós coloniais, dos quais tenho me valido mais para a maioria das discussões e reflexões que me permito aqui.

Partindo da premissa de Austin e Searle, na teoria dos atos de fala que, pragmaticamente, nos coloca a construção do sentido do signo em detrimento das interações linguísticas que ele sofre histórica e processualmente falando, é possível enxergar inúmeras construções de fazeres racistas.

Quando expõem em suas narrativas as terminologias que envolvem o âmbito de liberdade, elas o fazem em comparação com construções como: cabelo duro; cabelo de Bombril; situação estar preta; pixaim.

Contudo, o ideal de liberdade como não dominação é proposto como uma alternativa para aspirações das lutas de mulheres e de segmentos sociais de minoria depreciados pela hegemonia, segundo Almeida e Elias.

As autoras trabalham com o filósofo Berlin seus conceitos de liberdade positiva e negativa, atreladas às questões tanto do que é construído socialmente a partir do discurso e se torna verdade e uma barreira filosófica a se transpor, quanto nas limitações concretas dessa liberdade, impostas por limites físicos.

Ainda há muito a se discutir acerca das construções dessas expressões racistas acerca dos cabelos negros, bem como seus usos estão colocados

para as entrevistadas, e, como os discursos de liberdades por elas produzidos podem alterar o imaginário e reflexões, fazendo trânsito das ordens de discurso para ordens concretas de transformação e ascensão à hegemonia.

2.3. Feminismo negro e representatividade midiática – a necessidade da criação de uma memória

A estudiosa Djamila Ribeiro nos apresenta uma ideia que muitas das feministas negras brasileiras, contemporâneas a nós ou não, já frisaram outrora, a necessidade de dar nome ao que estamos constantemente elaborando e construindo. Se valendo das ideias de Alcoff, Djamila também traz em sua obra a importância do uso de epistemes menos comuns e que privilegiam os mesmo lugares de discurso e pensamento.

Não é a toa que quando surgem os primeiros grupos acerca da temática de cabelo do *Facebook*, as membros criam tabelações de terminologias específicas que vão culminar, anos mais tarde, numa onda de consumo vasta e na construção identitária que permeará todos os discursos acerca do tema, sendo ativadas essas terminologias em produtos e campanhas.

Como podemos sempre observar, historicamente, as questões culturais emergentes se apontam brechas da hegemonia, o quando passam por elas, precisam se tornarem palatáveis ao poder. O binarismo proposto pela ideia colonialista ainda é bastante presente nas esferas que postulam identidade, quando falamos da grande maioria da opinião pública, contudo, Alcoff nos alerta para o perigo de pensarmos as identidades numa lógica colonialista, ainda tão enraizadas em nós, e debruçarmos o nosso olhar sobre os movimentos que passam a integrar a hegemonia, que cobra o preço dela para que o novo se trone aceitável:

O colonialismo cria e retifica identidades como meios de administrar povo se estabelecer hierarquia entre eles. Por isso, muitos acreditam que devemos postular como objetivo, um futuro no qual as identidades criadas pelo colonialismo possam dissolver-se (ALCOFF, 2016).

É importante atentar que até essas novas formas de existências, quando falamos dos grupos e das manifestações culturais e, logo, de pensamento, estão sendo criadas e ressignificadas em uma lógica colonialista. Posso apontar aqui algumas questões do movimento com as quais ainda esbarramos nessa lógica e caminhamos a passos mais lentos.

Também considero urgente que consigamos, assim como propôs Djamila, Davis e Carneiro que trabalhem com os deslocamentos do pensar hegemônico e os novos significados propostos por essas novas movimentações sejam eles de que natureza forem, incluindo raça, gênero e classe. Acredito que dessa forma e me baseio as palavras de Collins para atestar que novos lugares de fala vão sendo construídos e com eles vozes e visibilidade de sujeitos nunca antes vistos e considerados socialmente daquela forma.

Collins ainda sugere que seja fundamental um fortalecimento maior através da definição:

Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que definem as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual, da imagem positiva dos homens brancos (COLLINS, 2016).

Portanto, se nos apegarmos ao fato de que a definição e a demarcação de lugares são importantes para transcendermos às normas colonizadoras, assim como propôs Collins, também estaremos tentando construir uma nova ordem de teoria e pensamento.

Carneiro sugere em *Enegrecer o Feminismo*, quando aponta uma perspectiva diferente acerca das mulheres negras em relação às demais mulheres, que se quer existiu algum mito sobre a fragilidade feminina se englobarmos negritude a essa feminilidade e ainda soma às questões do que a própria autora chama de “antimusa”, fugindo de qualquer padrão estético feminino aceito.

Sueli Carneiro é categórica ao afirmar que se o movimento feminista tem o intuito de tornar livres as mulheres, então ele deve ser enfrentador de qualquer tipo de opressão sobre elas.

Logo, um feminismo que se pauta nas questões de afronte as opressões tão bem conhecidas por nós, mulheres latino-americanas, incluindo atentar para heterogeneidade do movimento, precisa se embasar no eixo articulador de pauta o racismo e toda a hierarquia de gênero que ele pressupõe em uma sociedade como a nossa.

Com a história do Brasil forjada desde a colonização até as políticas de eugenia, a heterogeneidade do movimento negro feminista e brasileiro é incontestável e que demanda uma atenção especial a essa nova significação de negritude feminina.

Ainda considerando o que Carneiro nos traz a respeito de da pluralidade e heterogeneidade do movimento, ela nos aponta a importância de entendermos que é bastante natural que reproduzamos as hierarquias e os discursos hegemônicos, contudo, nos alerta para que também consigamos entender que, cada dia mais, reivindicar o lugar dessa negritude feminina negra como sujeito histórico político, com todas as diferenças que tornam o movimento heterogêneo, é fundamental que pensemos essa categoria como um modelo inflexível e estabilizado.

A estudiosa Djamila Ribeiro em sua obra que pondera e discute o conceito do lugar de fala também reconhece em Carneiro essa potência que afirma junto a outras intelectuais do assunto, como Lorde, a importância de não hierarquizar as opressões para que não caiamos no gesso da hegemonia, praticando o que ela mesmo sugere como “matar o opressor que há em nós”

Segundo Pollak é preciso se levar em consideração três aspectos quando falamos de construção de identidades: a unidade física; a continuidade dentro do tempo; e o sentimento de coerência.

Em outras palavras, o autor sugere que o palpável no nível da concretude, o quanto durar um movimento e a sensação de pertencimento a um determinado grupo farão diferença para a construção de quaisquer identidades.

Baseada nessas ideias, nesta parte do texto pretendo desenvolver e enunciar algumas campanhas publicitárias precursoras dessas movimentações e marcas de produtos que começam a se valer de alguns discursos que

começam uma tentativa de cessão de novos espaços para outras representações, como pontua Milena Mariano:

Po, eu via os blacks na tv e ficava alucinada querendo também... Na época eu fazia o cabelo no beleza natural e quase ninguém por aqui tinha black... Um dia eu resolvi mudar e fazer o black! Eu tinha 14 anos, falei com minha mãe e ela também achou legal... Procurei salões afros e achei um no centro de Niterói e fui com a cara e com a coragem, achando que ia sair de lá com um blacão... Maaas, saí de lá com 2 dedos de cabelo, mega curto... Quase morri do coração. Sofri em relação à reação das pessoas, por alguns comentários maldosos...Depois que ele começou a crescer minha vida mudou, as pessoas não param de elogiar, e eu tomei coragem pra começar a usar roupas e acessórios que eu não tinha coragem de usar porque eu não tinha "estilo". Antes meu pensamento era que cabelo bonito era cabelo baixo, o mais caído possível...As pessoas dizem que é moda... não é moda não...É identidade! Hoje pra mim, cabelo tem que ter volume... Quanto mais cheio melhor! (MARIANO, 2016).

Nas narrativas delas, mesmo que seja possível enxergar uma satisfação com a nova modalização de que está disposto nas vitrines, prateleiras e mídias, também é possível observar um trânsito e uma preocupação com a questão do que elas mesmas chamam de “parecer onda”; “parecer moda de agora” ou alguma terminologia que aponte para a fluidez e a experiência temporal dessa rearrumação de positivamente.

3. GERAÇÃO TOMBAMENTO: APROPRIAÇÃO DISCURSIVA DO CAPITAL?

*Sou Tempestade, mas entrei na mente tipo Jean Grey
Xinguei, quem diz que mina não pode ser sensei?
Jinguei, sim sei, desde a Santa Cruz, playboys
Deixei em choque, tipo Racionais, "Hey Boy"
Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença
Chega! Sou voz das nega que integra resistência
Truta rima a conduta, surta, escuta, vai vendo
Tempo das mulher fruta, eu vim menina veneno
Sistema é faia, gasta, arrasta Cláudia que não raia
Basta de Globeleza, firmeza? Mó faia!
Rima pesada basta, eu falo memo, igual Tim Maia
Devasta esses otário, tipo calendário Maia
Feminismo das preta bate forte, mó treta
Tanto que hoje cês vão sair com medo de bu
Drik Barbosa, não se esqueça
Se os outros é de tirar o chapéu, nóiz é de arrancar cabeça*

— Trecho da música "Mandume" – Drik Barbosa

A sensação de movimento que às apropriações discursivas executadas pelo mercado em função de um público nunca antes representado nos moldes e modelos estéticos de consumo tem o tom da publicidade de marcas e produtos inventados posteriormente a todos os movimentos de organização e positivamento de identidades.

Marcas, linhas específicas de produtos e representatividades diversas estarão contempladas para as observações desses recursos e captações discursivas.

De alguma maneira, pode ser possível afirmar que todas as transformações tecnológicas que aconteceram em diversas medidas, em diversos recortes sociais, afetaram de alguma maneira a ordem lógica pela qual consumimos.

Quando me proponho a afirmar essa mudança de lógica, baseio-me no processo que vai além das práticas cotidianas e funcionais de consumo, para além das permutas comerciais de venda e possíveis trocas. Entendo que haja, voltando olhar sobre essas proposições, movimentações direcionadas a inéditos e possíveis formatos comerciais bem como relações outras e uma publicização diferenciada no que diz respeito a produtos concretos e ideias de

consumo que estão longe da concretude, mobilizando de alguma maneira o papel desse consumidor e dando a ele uma identidade, a qual será disparadora para sua consciência do processo desse consumo.

Para mim, as remodelações sociais que a própria hegemonia propõe são componentes das práticas de consumo cotidianas. No caso específico desta análise, estamos falando de lacunas históricas irremediáveis, de padrões midiaticamente propostos e formulados a atenderem uma demanda muito elitista da sociedade e, sobretudo de uma ausência estarrecedora de produtos que atendam esteticamente uma juventude feminina e negra.

3.1. O mercado e a invenção do produto negro

Dessa ausência, grande brecha para o surgimento de uma nova onda de consumo, atrelada à quantidade de gente que esse não-público um dia representou, frentes vanguardistas de movimentos sociais que pregam a auto aceitação e de alguma maneira, uma retomada dessa identidade de mulher negra, até então, estigmatizada pelos veículos de comunicação de massa, embranquecida por diversos padrões femininos de beleza e não eram representadas legitimamente.

No entanto, ao passo que se observa essa reprodução de saberes em discursos muitos específicos, também é possível enxergar dentro dos grupos crescimentos irregulares e não horizontais de quem construía a 'cara' daquelas comunidades bem como a identidade de participantes.

Consegui enxergar ali uma crescente "necessidade" de autoafirmação e representatividade e que essas líderes, de uma certa forma, supriam a falta de representatividade nas mídias de acesso massivo, muito a serviço específico da promoção das suas próprias figuras públicas e que, naquele contexto de lacuna histórica, preenchem, ainda que não substancialmente, aquele espaço que em dado momento não era reconhecido.

O que parece acontecer ali tem mais a ver com a difusão de alguns estímulos e apropriação daqueles discursos servidos a uma lógica

mercadológica, também midiaticamente proposta por diversos meios de comunicação.

Fiquei interessada na necessidade de luta e a um novo lugar de consumo para pertencimento, tão comum e necessário às questões mais diversas de representatividade.

Ação na ordem do desejo de ser, nesse caso, parte de uma feminilidade negra nunca antes tão “bem representada” midiaticamente.

As marcas de cosméticos começaram a investir neste público, sobretudo, a partir da segunda década dos anos 2000, sem um marco histórico que eu possa apontar.

No ano 2007, Lorraine Massey, cabeleireira nos EUA, lançou o livro *Curly Girl* que foi totalmente revolucionário.

No livro ela trata das técnicas *low no poo*, de acordo com ela, são maneiras corretas de cuidar do cabelo crespo. Além disso, Lorraine criou a marca Deva Curl feita exclusivamente para cabelos crespos. A linha tinha uma composição própria pensada para nosso tipo de cabelo e uma aplicação diferente da convencional. Mas, em questões de publicidade e representatividade ainda estava muito longe de contemplar o que vinha nos próximos anos.



Campanha Primeira Linha de cosméticos para cacheadas e crespas — Deva Curl, 2007

Através das redes sociais, muitas mulheres começaram a compartilhar e difundir as ideias do livro, discutindo novas maneiras de se cuidar do cabelo

cresto sem a necessidade de produtos. A partir daí cresceu o uso das famosas e adoráveis receitas caseiras.

Mas, parte do processo da chegada à dominação cultural que propõe Hall, empresas internacionais como L'Oréal Paris, Elseve, Dove, Garnier e Nacionais como Lola, Niely, BioExtratus lançando não, campanhas contudo específicas construídas através dos discursos e terminologias próprias desses grupos como também se valeram de artistas e modelos jovens e negras que fazem, midiaticamente falando, jus ao imaginário da beleza negra e jovem que vem sendo moldada por ela mesmo.

A pioneira com campanhas efetivamente brasileira foi a L'oreal Paris, lançando em 2012 um linha só par cabelos cacheados e crespos e tinha Thaís Araújo como garota propaganda.



Campanha L'oreal HydraMax, 2012



Lançamento Campanha L'oreal Paris, 2013

Com apelo de “controle”, e garantia de “comportamento” dos mesmos, a L'oreal ensaia um presságio do que aconteceria em breve colocando um atriz negra e de muito boa representatividade midiática para assumir a frente da campanha.

Um exemplo dessa tentativa de retomada de mercado é a campanha realizada pela Garnier em 2013, a **“TROCA RECEITA”** com Dani Calabresa. A marca já havia percebido que estava perdendo público pras famosas receitas caseiras promovidas e divulgadas pelo grupo como já descrito nos capítulos anteriores. A divulgação do vídeo da campanha oficial, de forma ofensiva colocou blogueiras apresentando suas receitas e mencionando as práticas do grupo e posteriormente menosprezando-as por usar comidas e frutas no cabelo e não “o novo produto” lançado por eles.

Ainda no fim de 2013, a nossa lista de produtos para cabelos crespos e cacheados era minúscula, apenas marcas pequenas sem muita promoção midiática.

Em 2014, a Garnier lança a campanha “Garnier Fructis Cachos Poderosos” e traz a frente da campanha as atrizes Lucy Alves, Juliana Alves e a Mc Lelezinha.


**EM TERRA
 DE CHAPINHA
 QUEM TEM
 CACHO
 É RAINHA**

#SOUPODEROSA

NOVO
**FRUCTIS
 CACHOS
 PODEROSOS**

Fructis Cachos Poderosos, 2014

**RECRIA
 E MEMORIZA SEUS
 CACHOS POR 72H***

NOVO
**FRUCTIS
 CACHOS
 PODEROSOS**



Fructis Cachos Poderosos, 2014



Fructis Cachos Poderosos, 2014

Uma vez tentando resgatar as representatividades de negritude com atrizes e mulheres negras do *mainstream*, o mercado da produção estética negra aquece mas ainda assim, os grupos se mantem firmes em suas práticas, acredito eu que por motivos dessa representação negra ser ainda muito estereotipada e padronizada como um modelo “bonito” e aceitável de ser negra.

A partir disso, as marcas começam, de maneira magistral, pra seus fins lucrativos, a convocar blogueiras/vlogueiras conhecidas no *YouTube* e nos grupos de Transição Capilar, a rigor de todos os acionamentos identitários que evocam, são protagonistas das maiores campanhas.

Neste mesmo passo, a propagação dessas marcas pelos diversos meios de comunicação e técnicas avança de publicização, se valendo fortemente da Internet, da mesma forma de que dela se usufruiu, não se limitam apenas a questões de sistematicamente produzir e reproduzir marcas, serviços ou produtos, trabalha-se, sobretudo, na sensação de inclusão social que aquele produto ou aquela prática poderá oferecer.

A mídia, não no conceito apropriado pela sociedade em uma certa instância, não aquela entendida pelos grandes meios de comunicação que exercem domínio e manipulam determinadas informações, mas sim no sentido

que se produz por meios dos agentes mediatizadores dada as relações sensoriais e de afeto que são veiculadas nas mais diversas comunicações de publicidade, sai daquele antigo panorama de um consumo que foi feito através de uma sucessão de imposições pelos mediatizadores e passa a operar no âmbito da persuasão que propõe Baudrillard:

a persuasão (...) não visa tanto a compulsão de compra e ao condicionamento pelos objetos quanto à adesão ao consenso social que o discurso sugere: o objeto é um serviço, é uma relação pessoal entre você e a sociedade (BAUDRILLARD, 2000, p. 294).

Assim, tipicamente, em qualquer grupo, existem produtos e práticas que são de ordens de inferências internas e que se externalizam, influenciando diretamente nas determinações de poderes sociais dentro do grupo, bem como o determinismo de um consumo específico, o qual é capaz de designar papéis e desempenhos na comunidade.

Segundo Sodré, valendo-se do entendimento que o poder publicitário obedece a uma estrutura quase que sempre homogênea no que diz respeito a valores de estética, acaba-se por normalizar, padronizando as sensibilidades do receptor. Saldanha e Nery fazem uma reflexão importante no que diz respeito a esses aspectos estéticos da comunicação publicitária homogeneizada, afirmando que não há significativa diferença nos conteúdos que são comunicados e frequente reprodução de referências semelhantes e alterações somente acerca da tentativa de confirmar no receptor a sensação de algum movimento para fora do padrão.

Nesse momento, naturalmente, tecendo os fatos com o momento histórico e tecnológico que presenciamos, há de se notar uma insurgência de uma inédita realidade material e imaterial que fomenta o que vem se tornando a cyberpublicidade (ampliando pontos de contatos entre empresas e consumidores).

Com isso, também é possível perceber maior inferência popular na elaboração de publicidade para confecção dos mais diversos produtos (SALDANHA E NERY, 2016).

3.2. Publicidade e discurso: uma tentativa de movimento pautada no consumo – o caso da Salon Line

A Salon Line é hoje a empresa mais expressiva no âmbito de cabelos crespo e cacheados do Brasil. Mas, nem sempre foi assim. A Salon Line era uma empresa com vendas pouco expressivas e se igualava no conhecimento das marcas economicamente mais acessíveis como a Yamá, Seda e Kanecho.

Contudo, pude perceber ao longo dos anos de pesquisa e uso das marcas, grande diferença nas abordagens discursivas que me pareceram estar a serviço do seu maior público, as mulheres de cabelos crespos e cacheados.

No site da empresa, vale a pena observarmos as descrições acerca das definições da marca, par responder pergunta que se apresenta “Por que existimos?”:

A Salon Line valoriza todas as belezas, por isso sabemos que cada pessoa é única e cada textura de cabelo ou tipo de pele precisa de um cuidado especial.

Existimos para encorajar o novo, a descoberta e a mudança. Acreditamos que cada pessoa pode ser o que quiser e é por isso que incentivamos você a se redescobrir todos os dias junto com a gente (Site Salon Line – 2018).

Além do posicionamento discurso que estar para a diversidade, também é válido elucidar que maior parte das modelos e que eles chamam de “embaixadoras” da Salon Line são negras, basta uma pequena e superficial visita no site para confirmar.

Em 2015, a Salon Line lança a linha #Tôdecachos e convoca as blogueiras mais influentes nos grupos de *Facebook* e canais do *YouTube*, primeiro para assessoria de elaboração de produção e posteriormente, com uma sacada, para dar cara a campanha publicitária.

É possível observar que os conteúdos comunicativos dos produtos da Salon Line acionam vários dos muitos discursos dos grupos de cabelos negros do *Facebook*, especialmente nos produtos da linha #TodeCacho.

Toda a linha é discursivamente pensada e sintetizada em publicações, gramáticas e vocabulários dos grupos.

O primeiro grande grupo e com o maior número de participantes desde a sua criação é o “Cacheadas em Transição”, com 267.809 membros, no último acesso.

Quando comecei a fazer parte do grupo, ele já havia sido criado há algum tempo, considero a data da primeira postagem de arquivos como data referencial para o surgimento de alguns produtos e linhas específicas desta marca, que data de 2012.

É bastante importante frisar o fato desses grupos serem os maiores motivadores dentro dos discursos do meu campo, responsáveis inclusive pelas divulgações de produtos e práticas alternativas que racionalizam o consumo de cosméticos com preocupações acerca de sustentabilidade e empoderamento estético feminino negro, independente de recorte social.

Reiterando as partes iniciais desta pesquisa, as demandas do grupo, segundo as moderadoras e as postagens afixadas, são sobretudo, cuidado com os cabelos. Contudo, atravessam o grupo questões relacionadas com aceitação, saúde e memória das mulheres que não conseguem aceitar suas estéticas e sofrem com o período da Transição, que significa basicamente parar o uso de químicas transformadoras do cabelo.

No grupo, existem práticas diversas e todas elas visam prioritariamente o consumo consciente e não agressivo ao cabelo. Portanto, muitas receitas que não envolvem custo ou compra direta de produtos cosméticos são propostas pelas participantes: o uso de frutas e leguminosas, óleos vegetais e diversas opções naturais são partes das práticas do grupo. Não ficam explícitos discursos contra o capital, mas é possível notar uma reorganização na lógica de consumo feminino, sobretudo, no que diz respeito a custo e praticidade.

Falar especificamente da linha #TodeCacho da marca Salon Line compreende falar de uma linha exclusivamente dedicada a atender mercadologicamente um público, as participantes desses grupos específicos no Facebook em sua maioria, que as marcas até então não tinham conseguido captar por motivos que podem ir do não se sentir representado identitariamente em um determinado produto ou falta de eficácia na necessidade do que iria se adquirir.

Creio que a ordem do tempo e a experiência de imediatismo do Capitalismo para com as práticas alternativas, quanto os produtos no mercado que em nada representam as escolhas de quem resolveu assumir sua negritude tendo como ponto de partida a estética capilar sejam decisivas nesse momento.

(...) a demanda do consumidor comanda a produção, e a produção provocada pela demanda comanda a tecnologia, e a tecnologia tem efeitos sobre as vidas humanas. Por causa do resultado das tecnologias, os consumidores se agrupam, e o agrupamento por serem em grandes e arrumadas pirâmides ou em grandes montanhas desarrumadas ou em pequenos blocos altamente divisíveis, ou então as pessoas podem escapar e viver separadas em paisagens esparsas. Cada ambiente social permite somente certos tipos de controle, e isso permite que a tendência cultural dominante se desenvolva (MARY DOUGLAS, 1996).

Coloco como ponto de partida desta análise, ainda no campo discursivo, o que propôs Mikhail Bakhtin (1997) considerando que tudo que é ideológico possui um significado que remete a algo situado fora de si. Neste caso, sendo a linguagem o instrumento utilizado pelas mídias sociais e os produtos a concretude representativa desses discursos indo para além do que ao que de fato será consumido mercadologicamente e anexa significados às identidades.

A linha #TôdeCacho tem como escala principal, presente em absolutamente todos produtos da linha, as tabelações que seguem o modelo de Andre Walker, já citado no primeiro capítulo junto as ressignificações que os grupos deram a elas.

Relembrando, basicamente, essa tabela categoriza os tipos de cabelos através de números e letras que, combinadas, permitem a identificação do tipo de ondulação daquele cabelo, bem como suas necessidades para tratamento. Todos os shampoos, condicionadores, cremes, óleos e máscaras seguem criteriosamente essa tabela.

Essa tabela é compreendida através de uma combinação de números e letras para designar o tipo específico de fio, as combinações categorizam uma representatividade possível. Como expus no capítulo um, quando falo especificamente das marcas discursivas dos grupos, lembro também a

terminologia do Cronograma Capilar (CN) que significa uma agenda mensal de combinação de três tratamentos específicos: Restauração, Nutrição e Hidratação.

Os quadros de explanação do Cronograma Capilar são bem fáceis de compreender, também textualmente reconhecidos por qualquer membro dos grupos, e explicitam uma prática bastante comum a quem passa pelo processo de transição:

FOCO NA:		DIA-1	DIA-2	DIA-3
HIDRATAÇÃO	1ª	HIDRATAÇÃO	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO
	2ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	HIDRATAÇÃO
	3ª	HIDRATAÇÃO	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO
	4ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	RECONSTRUÇÃO
NUTRIÇÃO	1ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	HIDRATAÇÃO
	2ª	HIDRATAÇÃO	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO
	3ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	HIDRATAÇÃO
	4ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	RECONSTRUÇÃO
RESTAURAÇÃO	1ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	RECONSTRUÇÃO
	2ª	NUTRIÇÃO	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO
	3ª	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO	RECONSTRUÇÃO
	4ª	HIDRATAÇÃO	HIDRATAÇÃO	NUTRIÇÃO

Cronograma Capilar – Grupo Sou mais Cachos

Para além das práticas do processo de Transição, existem os saberes compartilhados, muitas vezes também em forma de tabela para ajudar a compreensão.

Fase	Ingredientes/ Substâncias
Hidratação	Vitaminas, frutas e ervas Glicerina, extratos de plantas (aloe vera, jaborandi, babosa etc), bepantol, mel, vitaminas (A, B, C, e D), açúcar, maisena, leite, iogurte natural, leite e água de coco, chocolate
Nutrição	Óleos, manteigas e ceras vegetais Óleos de: oliva extra virgem, coco, amêndoas doce, argan etc Manteigas de: karité, manga, abacate, cupuaçu etc Ceramidas, geléia real, semi di lino, germen de trigo
Reconstrução	Queratina, aminoácidos e proteínas Creatina, arginina, cisteína, gelatina sem sabor, elastina, proteína hidrolisada de soja, proteína do trigo, colágeno, glicopan pet gold, sistemas repositores de massa

Alternativas de Uso Cronograma Capilar

É importante colocar que todas essas tabelas, que estão afixadas em 2012 até 2014, são tabelas que não possuem ou vinculam qualquer tipo de produto específico ou marca de produto no Brasil. Mais uma evidência da tentativa, já discutida anteriormente, da divulgação de saberes na contra mão do consumo do que se apresentava disposto no mercado no âmbito dos cosméticos capilares.

Voltando a linha específica #todecachos, podemos observar vários pontos discursivos de encontro com os saberes produzidos dentro dos grupos e para fora dele. A começar pelo próprio nome, o signo “hashtag” evoca as esferas discursivas propostas por Bakhtin da atmosfera da internet, sobretudo, das redes sociais.



Imagem de capa da Página pública do Facebook da linha Salon Line #todecacho

Quando falamos da ideia de memória social nas discussões anteriores, falamos da preocupação com o imediatismo e previsão/suposição da sensação de uma “onda” que periga passar em algum momento. Discursivamente, essa ideia também aparece quando tratamos das campanhas no geral, incluindo as dessa linha.

Os produtos, tabelados, categorizados e condicionados às tabelas e direcionados para os usos específicos não fogem do que podemos chamar desse padrão interseccional.

Nos produtos “Que tal?” linha específica de cremes de pentear da #todecacho, podemos observar vários aspectos discursivos relevantes para acionamentos de marcas discursivas e gramáticas. Para além do simples contato com a tabulação dos grupos, a marca enuncia nas expressões “cachos dos sonhos”; “crespo divino” e “crespíssimo poderoso” ideias que estão para além da estética, que elucidam e negociam vislumbres de poder.



Imagem linha de “Que tal?” – cremes de pentear

Outras estratégias relevantes para a linha são a substituição das práticas alternativas de tratamentos mais difundidas no grupo: o maior número de publicações relacionadas ao que o grupo chama de “H”, hidratação, fazer que está contemplado na prática do Cronograma Capilar, entre os anos de 2012 e 2014 aciona o amido de milho, produto geralmente utilizado para culinária em

preparo de mingaus, atrelado a cremes de baixo custo e azeite de oliva. No mesmo ano de lançamento, a linha de cremes coloca a disposição do mercado o produto “Amigo de Milho” numa embalagem que faz menção à marca conhecida e metonímica da *Maizena*:



“Amigo de milho” – Salon Line #todecacho

Acredito ser importante frisar que há sempre acionamentos para além das substituições propriamente ditas, neste caso, “Chega de perder tempo no fogão!”, acabam como uma tentativa de justificar aquele consumo inserido em uma prática (produção das receitas caseiras) que, até então, tende a ir na contra mão dele.

Figura 11 – “Maionese Capilar”



“Maionese Capilar” Salon Line #todecachos

Outro exemplo metonímico e que aciona especificamente fazeres e memórias de outras décadas é o caso do produto “Maionese Capilar”. Para além das questões de embalagem, parte das meninas do grupo usa o molho para Nutrição, parte do Cronograma Capilar, como maneira alternativa de tratamento, entrevistei Maria das Dores Silva que faz uso dos produtos da Salon Line da linha #todecachos. Ela narra uma relação do tratamento do seu cabelo e das suas irmãs com seu recorte social:

Meus pais eram muito pobres... A gente penteava com água e vaselina... brilhantina era chique, só pra quem tinha dinheiro... A gente molhava penteava e trançava. Minha madrinha tinha uma situação melhor que a nossa, tinha mais dinheiro, daí lá... Eu voltava de lá penteada com brilhantina que era mais cara e o que tinha pra pentear... Depois eu vim pra cá... Comecei a trabalhar de empregada... Comecei a usar creme de mocotó, ymasterol, coquetel de frutas... Tem até um creme dessa marca que é igualzinho agora, lá a gente passava... Eram até bem barato esses cremes, mas tinha pouca coisa pra gente, mais barato, mas pouca coisa, foi muito tempo sem nada pra gente... Mas, lá a gente passava água e banha até pra hidratar, maionese... Agora tem essa que o pote é igual... Igual! Evoluiu, né? Evoluiu (SILVA, 2017).

Maria, ainda na entrevista, afirma que acha importante que existam cremes para os cabelos crespos à disposição, uma vez que relata a não existência de produtos na sua juventude que contemplassem seus cabelos e os de suas irmãs e mãe, mas considera que ainda está para certo tipo de consumo que não abrange a maior parte das pessoas.

Tendemos a privilegiar a experiência em si, como de a vida negra fosse uma experiência vivida fora da representação. Só precisamos, digamos, expressar o que já sabemos que somos. Em vez disso, é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos (HALL, 2003, p. 157).

Considero importante reafirmar o já discutido no capítulo anterior e proposto também por Hall: a sensação de movimento que os novos discursos, aos poucos, deslocam e produzem alterações na construção hegemônica da cultura negra.

3.3. Vence-se a disputa ou transforma-se na concessão? – resistência e diálogo

A lógica do mercado e o capital e suas engrenagens acabam por apropriar os aspectos que amparam e tentam construir um processo contra hegemônico.

Considero um equívoco a tentativa de acreditar que as únicas formas de opressão sejam as de classes, sobretudo, que tentam deslegitimar as lutas e os direitos que estamos pouco a pouco, mediante a cruel conjuntura, galgando nos âmbitos que envolvem raça e gênero.

Sobretudo, também enxergo que as opressões identitárias que nos sufocam historicamente não sejam capazes de desaparecer ou serem dadas como resolvidas com representatividades que pertencem à mesma lógica de consumo que conhecemos tão bem.

Monique Cassiano coloca:

A questão do cabelo natural, na verdade, me atingiu de uma outra forma e com uma outra ditadura: a da mulherona negra empoderada. Infelizmente, conforme vamos conquistando espaços nós vamos ficando frágeis e sendo atingidas pelos males do sistema. E a estética negra entrou nessa questão na minha opinião. Então eu sofri com os comentários da "geração tombamento" que são: nossa, porque você não deixa seu cabelo crescer? (sendo que só tinha cortado o cabelo uma vez rs), porque você não deixa seu cabelo black (sendo que eu já tinha um, modesto, mas tinha rs), ahaaa, vi uma menina outro dia com um enooooorme lindo vermelho, faz isso no seu tb! E aí eu pude entender que não adianta você fazer a transição. A sociedade branca ainda quer nos colocar dentro de padrões. Então, eu estava vivendo num momento de força do empoderamento negro mas que ainda fazia eu me sentir mal com meu cabelo. E até eu entender que cabelos crespos, assim como qualquer outro, também tem texturas, caimentos, crescimentos, formas, jeitos, cores, tudo diferentes, foi um reprocesso de autoaceitação (como já não bastasse o da vida inteira até aqui né). Aí, recorri as tranças. E aí, os elogios de como eu tinha ficado ótima e de porque não tinha feito isso antes acho que não ajudaram muito rs. Me sentia com uma beleza falsa, uma beleza que não era minha, no fundo, no fundo, apesar das tranças estarem próximas da minha ancestralidade e das minhas origens raciais. Mas, pra eu tê-las, eu ainda precisava de uma construção de autoestima que ainda não tinha acontecido. E hoje, em 2017, aos 27 anos, decidi largar as tranças por um longo tempo e raspar a cabeça (cortei na semana passada). E eu nunca me senti tão bem com minha aparência capilar como hoje. Porque essa sou eu mesma! Completamente livre! (CASSIANO, 2017).

Acerca de todo o movimento que tenho observado, é interessante que encaremos a intersecção das pautas que envolvem desde trabalho às questões identitárias como uma necessidade de caráter emergencial e que precisa ser discutida no campos das políticas progressistas e afirmativas.

Quando debruço meu olhar para o que vem acontecendo com os movimentos sociais como um todo, surgimentos de ONGs, alternativas gratuitas de acesso a caminharas educacionais, novas estratégias e formas de consumos, das coletividades ganhando protagonismos e reinventando as formas de organização, distribuição de renda e combates às diversas desigualdades, consigo observar que caminhamos em direção a uma esperança possível de invenção de um viver que tenta seguir na contramão do Capital.

Hall pondera que “o ponto importante é o ordenamento de diferentes morais e estéticas, de estéticas sociais, os ordenamentos da cultura que abrem a cultura para o jogo do poder, e não um inventário do que é alto e baixo no momento específico” (HALL, 2003).

Mas, também, consigo compreender que, para quem nunca antes havia provado o sabor se ver representado, tanto a representatividade como o consumo e a mídia importam, e que esse “importar” não é capaz de caber exclusivamente às marcas e logotipos que levam a algum processo de libertação identitária e de direitos, principalmente no campo da diversidade.

O processo se dá na luta diária, na tentativa e no exercício da escrita, trocando as terminologias das quais o mercado se apropria e faz surgir novos padrões por fazeres dialogicamente pedagógicos, pensando que todos em todo agir social há uma imbricação política que não necessariamente precisa estar vinculada a uma corrente filosófica e um jeito “certo” de ser/estar no mundo.

O processo é irreversivelmente transformador. Contudo, precisamos estar atentos de que forma ele tem se dado e, sobretudo, a quem ele privilegia.

A escolha dos elementos e a instrumentalização da minha escrita são parte de um posicionamento e de um desejo que este seja um trabalho que considere os saberes e fazeres ainda pouco contemplados na academia, que qualquer pessoa possa estar à vontade com a leitura.

Apesar das vivências que me posicionaram culturalmente e socialmente, posso dizer que me descobri negra há poucos anos. Antes disso, era morena clara do cabelo duro ou qualquer outra terminologia que coubesse nesse entrelugar. O caminho da descoberta não foi longo e acredito que menos doído que para muitas manas que conheço.

Dentre os diversos meios de uso da linguagem, a Internet destaca-se, atualmente, como um dos grandes meios de interação virtual de que dispõe a sociedade. Reconhecida como o maior canal de comunicação criado pelo homem, a todo o momento, novas pessoas se conectam a essa extensa rede, que pode ser considerada um dos principais símbolos da globalização.

Nos últimos anos, pudemos acompanhar um movimento migratório dos engajamentos, que outrora eram urbanos e se valiam de um espaço para a significação de um lugar de encontro para a Internet, sobretudo, para as redes

sociais nela. Há de se observar que autores como Canclini já previam que essas lutas, esses exercícios de sociabilidade e esses engajamentos culturais migrassem para essas novas tecnologias.

A “cultura urbana” é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Como quase tudo na cidade “acontece” porque a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer (...) Daí que Eliseo Verón afirme, de forma radical, que participar é hoje relacionar se com uma “democracia audiovisual”, na qual o real é produzido pelas imagens geradas na mídia (CANCLINI, 1997, p. 286).

O fato é que de alguma maneira possível afirmar que todas as transformações tecnológicas que aconteceram em diversas medidas em diversos recortes sociais, afetaram de alguma maneira a ordem lógica pela qual consumimos. Quando me proponho a afirmar essa mudança de lógica, baseio-me no processo que vão além das práticas cotidianas e funcionais de consumo, para além das permutas comerciais de venda e possíveis trocas. Entendo que haja, voltando olhar sobre essas proposições, movimentações direcionadas a inéditos e possíveis formatos comerciais bem como relações outras e uma publicização diferenciada no que diz respeito a produtos concretos e ideias de consumo que estão longe da concretude, mobilizando de alguma maneira o papel desse consumidor e dando a ele uma identidade, a qual será disparador para sua consciência do processo desse consumo.

As remodulações sociais que a própria hegemonia propõe são componentes das práticas de consumo cotidiana. No caso específico desta análise, estamos falando de lacunas históricas irremediáveis, de padrões midiaticamente propostos e formulados a atenderem uma demanda muito elitista da sociedade e, sobretudo de uma ausência estarrecedora de produtos que atendam esteticamente uma juventude feminina e negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir essas ideias é importante lembrar que a Internet passou a ser um espaço que produz conhecimento e o expõe de diferentes maneiras ao mundo.

A exposição do cabelo como um todo, mas parte também de uma identidade estética, acaba sendo uma porção significativa de composição da imagem de um indivíduo. Ele reforça ou eufemiza, através das transformações químicas, os traços fenotípicos.

A ênfase no fenômeno que tem mexido com a lógica e padrões hegemônicos acerca de cabelos crespos e cacheados ainda está em disputa, porque por mais que as discussões tenham avançado, a grande maioria ainda valoriza a textura e o padrão vigente de beleza capilar.

Tanto os compartilhamentos de conteúdos quanto as interações, nos últimos anos, acompanham um movimento no mundo virtual que envolve blogueiras, mulheres negras na sua textura natural, principalmente no que se refere aos cabelos crespos e cacheados. Um discurso de aceitação e valorização vem sendo construído e no contexto da globalização as reivindicações se fortalecem através de movimentos sociais em redes que alteram a forma como estes são entendidos, propiciando o surgimento de formas de organização política como o ativismo de cabelo, que busca empoderar os sujeitos ao mesmo tempo em que antigas referências indenitárias vão se esfacelando, promovendo a reconstrução dessa sobre novas percepções.

É importante considerarmos que quando estamos falando de representações do corpo negro, de uma maneira mais genérica e menos específica, há contribuições significativas que interferem diretamente em como a sociedade pode passar a observar preconceitos e, uma vez observados, naturalmente, denunciá-los, segundo Nilma Gomes. Munanga diz que quando nós escrevemos a respeito de algo que envolve a cultura afro-brasileira, estamos inclinados a descobrir nossas africanidades presentes ou escondidas nas manipulações. E que, substancialmente, isso contribuirá e constituirá,

oficialmente e de maneira registrada, preocupações primordiais para a força histórica que desejamos para os cursos destes segmentos.

Contudo, é preciso estarmos atentos a como o Capital se utiliza dessas forças para cumprir seu papel de retroalimentação, a fim de tentarmos estudar e falar cada vez mais sobre os processos que nos circundam e são urgentes.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BECKER, Howard. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a Humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av., São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, dez. 2003. Disponível em: Acesso em: 25 abr. 2016.

CHARTIER, Roger, “‘Cultura Popular’: revisando um conceito historiográfico”. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

DOUGLAS, Mary, ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona**. 2015. Blogueiras Negras. Disponível em: Acesso em: 27 abr. 2016.

DELEUZE, Gilles. “Spinoza e as três éticas”. In: DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. “Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder” (1992). In: **Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 93-108.

FIQUEIREDO, Ângela. **Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada: identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros**. XXVI Reunião da associação nacional de pós-graduação e pesquisa em ciências sociais. Caxambu. Minas Gerais, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOMES, Nilma Lino. "Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra". **Revista Relações Raciais** (1ª edição). Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

_____. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Minas Gerais, 2012.

GONÇALVES, Bianca. "'Morenas exóticas': um debate sobre colorismo, negritude e arquétipos femininos da ideologia da mestiçagem". 2015. GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. Disponível em: Acesso em: 27 abr. 2016.

GOULD, Stephen Jay. **A falsa medida do homem**. 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARAWAY, Donna. "Manifesto Cyborg: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX". In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 1995, p. 33-118.

HARRIS-PERRY, Melissa V. **Sister Citizen – Shame, Stereotypes and Black Women in America**. Yale University Print, 2013.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MUNANGA, K. "'Arte afro-brasileira' o que é, afinal?" In: **ASSOCIAÇÃO 500 ANOS BRASIL ARTES VISUAIS**. Mostra do redescobrimto. Arte afro-brasileira. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000, p. 98-111.

NUNES, Rita de Cássia e OLIVEIRA, Tatalina Cristina. "A beleza negra nos meios de comunicação: Representações do corpo e construções de identidades étnico-raciais". **10º Colóquio de Moda – 7ª Edição Internacional – 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda**, Caxias do Sul.

PANTELI, N. **Virtual Social Networks: Mediated, Massive and Multiplayer Sites**, Palgrave. Macmillan, Hampshire, UK, 2009.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

QUINTÃO, Adrianna M. P. O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

RECUERO, R. “Um estudo do capital social gerado a partir das Redes Sociais e nos Weblogs”. **Revista da FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 88-106, dez. 2005. Quadrimestral.

REED-DANAHAY, Deborah E. **Auto/ethnography: Rewriting the Self and the Social**. New York: Berg, 1997.

SHERIFF, Robin E. “Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca”. In: REZENDE, Cláudia Barcellos e Maggie. Yvone (org.)

VARELA, María do Mar Castro e Nikita Dhawan. “Of Mimicry and (Wo)Man: Desiring Whiteness in Postcolonialism”. In: “**Kritische Weißseinforschung in Deutschland**” – Mythen, Subjekte, Masken, 2005.

WARREN-SCHERER, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, jan./abr. 2006, p. 109-130.

WENGER, Etienne. **Communities of Practice: Learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMS, Raymond, “Base e superestrutura na teoria cultural marxista”. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n. 65, mar/mai. 2005, p. 210-224.

Sites e Links consultados

<https://www.youtube.com/watch?v=g83A4F1CjjM>

<https://www.youtube.com/watch?v=So8mnumdhrq>

<https://www.youtube.com/watch?v=3xFcAffOJC0>

<https://www.youtube.com/watch?v=W72EdmRHkrY>

https://www.youtube.com/watch?v=SlhhRms50_4

<http://www.projetocacheada.com.br/2015/10/lancamentos-salon-line-para-cachos.html> - Linha #TôdeCachos - Cremes para pentear

<http://todecacho.com.br/produtos/mascara-todecacho-tratamento-pra-abalar-tradicional-500g-salon-line/> - Linha #TôdeCachos – Pra Abalar

<http://todecacho.com.br/produtos/amigo-de-milho-era-uma-vez-uma-super-hidratacao-kit-com-4-saches-de-30ml/> - Amido de Milho para Cabelo

<http://todecacho.com.br/produtos/gel-creme-transicao-capilar-do-meu-cabelo-cuido-eu-300ml/> - Creme Transição Capilar – Do meu cabelo cuidado eu

<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>

<http://todecacho.com.br/produtos/todecacho-maionese-capilar-nutricao-power-500g/> - Maionese Capilar

<http://todecacho.com.br/produtos/oleo-de-umectacao-mix-de-oleos-girassol-oliva-e-coco/> - Mix de óleos

<http://todecacho.com.br/produtos/sos-shampoo-bombastico-mega-hidratacao-300ml/> - Shampoo Bomba

<http://todecacho.com.br/produtos/day-after-como-se-fosse-1a-vez/> - Crème para Day After

<http://cabeloafro.com.br/conheca-o-seu-cabelo-a-tabela-de-tipos-de-cabelo/> - Tabela tipo de Cabelo

<http://cachosefatos.com.br/2013/07/big-chop-a-revolucao-das-negras-americanas.html>

<https://www.andrewalkerhair.com/contact-us/> - acesso abril de 2017

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/01/industria-da-beleza-tem-primeira-queda-de-vendas-em-mais-de-20-anos.html>

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=D4aV5v6pK94

<https://www.lojadasalonline.com.br/livro-salon-line-deixar-enrolar-a-historia-dos-cachos-e-crespos-no-brasil-p1244>

ANEXOS

Disponível em “Cacheadas em Transição”.

DICIONÁRIO CACHEADO E CRESPO

Cacheadas em Transição em Sexta, 2 de outubro de 2015 às 19:39

BC ou Big chop - é o grande corte, ou seja, quando se retira toda a parte da química do cabelo de uma vez.

Transição - período de tempo compreendido entre seu último relaxamento até o dia em que seu cabelo estiver todo natural, sem relaxamento. Momento mais crítico, quando se decide deixar o cabelo natural. Neste período ocorre muitas desistências.

No poo - Rotina seguida por algumas cresheadas que visa a não utilização do shampoo como método de limpeza, utilizando-se de outros artifícios como condicionadores ou bicarbonato, ou limão, ou vinagre e etc. Pelo fato de não se utilizar shampoo deve-se utilizar produtos sem a presença de silicones insolúveis em água.

Low poo - rotina seguida por algumas cacheadas que visa a utilização de shampoo sem sulfato ou seja, shampoo que não faz espuma. Também tem-se que utilizar produtos específicos, sem silicones insolúveis e sem petrolatos/derivados do petróleo. Eu sigo esta rotina, por ser mais fácil de achar os produtos e aconselho a todos que sofrem de ressecamento nos cabelos.

Co-wash - método que se utiliza o condicionador para fazer a limpeza do cabelo no lugar do shampoo. Usado por quem faz no/low poo. Pode-se batizar o condicionador com anfóteros - cocobetaíne - para aumentar o poder de limpeza.

Fitagem - método de finalização do cabelo cacheado. Consiste em passar o creme de pentear, mousse ou gel, mecha a mecha no cabelo fazendo fitas no cabelo. Essas fitas podem ser feitas com o auxílio dos dedos ou com escovas específicas para isso exemplo: escova denman ou avon.

Day after ou DA - é o dia seguinte ao dia em que você lavou o cabelo, ou seja, é um dia em que você não vai lavar seu cabelo. Neste dia você pode arrumar o cabelo, mas sem lavá-lo novamente.

Óleo vegetal - Óleo 100% vegetal ou seja sem a presença de parafina ou óleo mineral na sua composição.

Óleo essencial - mistura de substâncias voláteis extraídos de plantas. Muito

usado nas indústrias de cosméticos e muito utilizado como conservante, antifúngico e essência em algumas preparações caseiras da cacheadas.

EG ou extratos glicólicos - É uma fórmula concentrada do ativo principal. Muito utilizado na indústria cosmética.

Cronograma Capilar ou CN - é uma maneira de organizar os tratamentos feitos no cabelo. É dividido em três fases: hidratação ou H, nutrição ou N e reconstrução ou R. Consiste em separar as máscaras capilares de acordo com sua composição em hidratação, nutrição e reconstrução. Cada uma tem o momento certo de usar, pois uma fase depende da outra, a ordem depende do estado do cabelo.

Enluvar - Aplicar o creme mecha a mecha massageando os fios do cabelo como se estivesse subindo numa corda. Não precisa puxar o cabelo, e com carinho rsrs. Esse processo faz com que os princípios ativos do creme penetrem na fibra capilar.

LN /Liga neutra - pó usado na mistura do sorvete. Dissolvendo-se uma colher em 100ml de água tem-se um gel muito bom que define, segura e diminui o frizz. Cuidado com o uso sozinho, sem creme antes, pois pode com o tempo ressecar os fios.

Potencializar/ batizar - Adicionar ampolas de tratamento, queratinas ou óleos vegetais em produtos que para você é fraco como um condicionador/ leave in.

Tipos de fios 2a/b/c - 3a/b/c - 4a/b/c - Classificação dos cachos que vai dos mais abertos aos mais fechadinhos, essa classificação ajuda muito na hora de comprar produtos e fazer tratamentos.

Twist - out ou torção - Técnica de torção de mechas com cremes ou óleos vegetais em cabelos úmidos para mudança de textura dos fios.

Umectação ou U - Selar/hidratar/nutrir os fios com óleos vegetais. Pode ser feito com o cabelo sujo ou uma hora antes de lavar; antes de dormir e assim tirar pela manhã ou com os cabelos lavados apenas com shampoo aplica-se o óleo deixa um tempo e depois por cima aplica o creme de hidratação. Para cabelos secos, ressecados, com frizz. É o famoso banho de óleo.

Vitamina T = Tesoura.

Disponível em “Cacheadas em Transição”.

REGRAS DO GRUPO CACHEADAS EM TRANSIÇÃO CACHEADAS TRANSIÇÃO-SEGUNDA, 6 DE FEVEREIRO DE 2017

A leitura desse arquivo é obrigatória!

DA ADMINISTRAÇÃO

1º A moderação do grupo tem plenos poderes para aceitar novos membros e excluir publicações (textos, fotos, arquivos, vídeos, enquetes e afins) sem aviso prévio em caso de desacordo com as regras abaixo citadas.

1.1 Para descobrir quais membros compõem o corpo de moderação, acesse a qualquer momento a área "MEMBROS". Aparecerá uma tela com um quadro e dentro dele estará escrito "TODOS OS MEMBROS", troque essa opção para "ADMINISTRADORES" e uma nova tela aparecerá com os perfis de todas as Administradoras (Adriana S Machado, Camila Ventura, Cleide Rosas Leone, Fah Nascimento , Jéssica Martins).

2º Possuímos um Grupo de Apoio que tem como atribuições: incentivá-las com depoimentos, fotos e dicas; indicar leituras, bem como arquivos internos ou externos; denunciar publicações e possíveis homens infiltrados.

DAS REGRAS DE CONVIVÊNCIA

1º LEIA AS REGRAS DO GRUPO! Elas serão atualizadas sempre que se fizer necessário e um comunicado oficial será vinculado para que todas possam saber da sua validade. Infrações aos acordos aqui estabelecidos estarão passíveis de penalidades.

1.1 Postagens (publicações, fotos, vídeos, arquivos, enquetes e afins) que estejam em desacordo com as regras de convivência serão apagadas pela moderação sem aviso prévio.

1.2 Não aceitaremos as seguintes publicações:

- Estou amando meus cachos.
- Qual meu tipo de cabelo? (tem lugar específico para perguntar tipo de cabelo).
- Fotos sem legenda.
- Liso ou cacheado, molhado ou seco, Com volume ou sem volume.
- publicações repetitivas (Dicas para crescimento, como usa óleo de rícino, comprei tal creme alguém já usou sabe se é bom, escovei e perdi meus cachos) não serão mais aceita pela moderação pois são assuntos corriqueiro no grupo, facilmente encontrado e esclarecido pela lupa de pesquisa além dos arquivos do grupo que é riquíssimo em informação.
- pedido de curtida em foto de concurso.
- publicação de qualquer tipo de comercialização.
- publicação religiosa.
- fotos de casais.
- fotos de biquíni ou onde o foco não seja o cabelo.
- publicação Bom Dia, Boa Tarde, Boa Noite.
- publicações incompleta (fez tal penteado explique como fez, fez uma receita caseira no cabelo forneça o passo a passo ,finalizou o cabelo teve um day after indique os produtos que foi utilizado.
- publicação divulgando *Instagram*, *Whatsapp*, canal no *YouTube*, blog e página no *Facebook* (tem lugar específico para divulgação).
- publicação pedindo dica de relaxamento e permanentes.
- publicação que desmotive os outros membros.
- publicação sobre política.

1.3 Será banido do grupo.

- Membros que divulguem *Instagram*, *Whatsapp*, canal no *YouTube*, blog e página no *Facebook* (fora do lugar específico para divulgação).
- Indicar alisamentos, relaxamentos e permanente.
- Bloquear alguma administradora.
- Faltar com respeito a qualquer membro do grupo.

1.4 Se não gostou do que viu, mas em nada fere as regras de convivência, passe para a próxima publicação. Membros que insultarem, ameaçarem, ridicularizarem ou discriminarem, seja em que âmbito for, outro membro serão banidas pela moderação sem aviso prévio.

2º O grupo foi feito para reunir mulheres que estão largando o uso de químicas transformadoras de estrutura (alisantes, permanentes, progressivas, relaxantes...). A entrada de homens já foi discutida uma vez, houve uma votação e a maioria dos membros optou por permanecer proibida a entrada. Assim sendo, fica proibida a presença de homens no grupo.

2.1 Todas as solicitações de entrada são analisadas pelas administradoras.

Não será aceito:

- perfis criado a menos de um ano
- perfis sem foto, sem atividade e bloqueado.
- perfis que não respondam as perguntas solicitadas para entrada no grupo.
- perfis masculinos.

3º O grupo foi criado com o objetivo de valorizar a beleza natural daquelas que optaram pelo abandono das químicas transformadoras de estrutura (alisantes, permanentes, progressivas, relaxantes...). Desta maneira, fica terminantemente proibido indicar ou incentivar o uso de químicas transformadoras neste espaço. Esclarecemos que a presença de membros que façam uso de tais substâncias é aceita e bem vinda, desde que o acordo de não indicar ou incentivar o uso dentro do nosso espaço seja quebrado.

4º Fica proibido o compartilhamento de fotos e arquivos pessoais publicados no grupo para ambientes que estejam fora dele, sem o consentimento da autora.

4.1 A membro que se sentir lesada, mediante comprovação do ocorrido, deverá entrar em contato com a moderação para que as medidas cabíveis sejam tomadas.

5º Ficam proibidos os anúncios de sorteios, trocas ou comercialização de produtos dentro do grupo para que fiquemos em conformidade com a Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002 “Aquele que, por ato ilícito (arts. 186 e 187), causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo. Parágrafo único. Haverá obrigação de reparar o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem (art. 927, Código Civil)”.

6º Comunicados oficiais sobre qualquer conduta inadequada devem ser feitos apenas pelas moderadoras.

7º Jamais xingue, deboche, ofenda, ameace ou ridicularize outro membro. Esses comportamentos não serão aceitos e terão como penalidade a expulsão.

9º É permitido compartilhar experiências, positivas ou negativas, a respeito de qualquer medicamento capilar (de uso tópico ou oral) para estimular o crescimento do cabelo. Entretanto, as consequências do uso de tais substâncias é de inteira responsabilidade do membro, a moderação não se responsabiliza por possíveis danos causados a saúde.

10º A moderação a partir de agora não assume qualquer responsabilidade sobre a precisão, integralidade ou qualidade das informações fornecidas nas postagens dos membros do grupo, ISSO INCLUI PRINCIPALMENTE TÓPICOS QUE MENCIONEM A QUESTÃO RACIAL.

11º Não serão aceitas reclamações CONTRA A MODERAÇÃO com relação a danos materiais ou não materiais causados pelo uso ou não uso das informações fornecidas ou pelo uso de informações incorretas ou incompletas (ex: Monovim, aceleradores de crescimento, produtos químicos).

12º A postagem de imagens e vídeos de casal, sejam eles hétero ou homoafetivos, está PROIBIDA. O grupo foi criado para troca de experiências sobre o cabelo, vamos voltar a isso.

13º A postagem de imagens e vídeos de membros trajando vestimentas como biquini e sutiã está PROIBIDA. Não nos custa cortar e editar uma foto para postar apenas o que realmente estamos querendo compartilhar, o cabelo.

14º Domingos e Feriados o mural do grupo permanecerá fechado para publicação.

Disponível em "SOU + Cachos"

REGRAS atualizadas grupo Sou+Cachos

Em Sábado, 13 de dezembro de 2014 às 14:17

BEM VINDX! Tudo bem?

Abaixo seguem as REGRAS DO GRUPO, que é nosso principal documento e estatuto para mantermos a organização e cumprir o objetivo do grupo: COMPARTILHAR DICAS E EXPERIÊNCIAS NÃO QUÍMICAS PARA CABELOS CRESPOS E CACHEADOS, COM QUÍMICA E NATURAIS.

Quer divulgar seu BLOG, FANPAGE, VÍDEOS, SITES, LOJAS ENTRE OUTROS, CLIQUE

AQUI: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10202644323881521&set=g_m.447658685371180&type=1

#ASSUNTO: QUÍMICA SOMENTE AQUI: https://www.facebook.com/groups/so_umaiscachos/permalink/673647786105601

/Qualquer postagem fora DO LOCAL CORRETO será desconsiderada.

#TINTURAS:

<https://www.facebook.com/groups/soumaiscachos/permalink/597211133749267/>

#LACES/PERUCAS:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205806034162302&set=gm.669040566566323&type=1&theater>

TRANÇAS/BOX BRAIDS:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10205806189326181&set=gm.669077193229327&type=1&theater>

§ Temos uma fanpage para publicar fotos dos nossos membros que são inspirações para o grupo. CURTA: <https://www.facebook.com/pages/Sou-Cachos/375017355949285>

Recados pra moderação, qualquer dúvida, reclamação, sugestões poste somente

aqui: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10203126731261404&set=gm.480826678721047&type=1&permPage=1> .

>>>>SOBRE O GRUPO

O grupo SOU+CACHOS é espaço para COMPARTILHAMENTO DE DICAS/EXPERIÊNCIAS/ORIENTAÇÕES/INFORMAÇÕES sobre TRATAMENTOS ,voltados aos cabelos CRESPOS E CACHEADOS, com QUIMICA, NATURAIS OU COM OUTRAS TÉCNICAS COMO MEGAHAIR, TRANÇAS, DREADS ENTRE OUTROS.

>>>REGRAS

1. Sobre Postagens: É PERMITIDA A POSTAGEM SOBRE ORIENTAÇÕES/INDICAÇÕES/INFORMAÇÕES/SOBRE PROCEDIMENTOSQUIMICOS, seja elas tinturas, tonalizantes, colorações, medicações, vitaminas, relaxamentos, permanentes, alisamentos, luzes, balayagens, californianas, descolorações, decapagens e outros. CADA UM NO SEU POST FIXO.

Postagens aleatórias não serão aceitas.

B) Está em transição, fez BC, quer compartilhar sua experiência?

Compartilhe sua experiência sim, mas NÃO DEIXE DE INFORMAR COMO ESTÁ TRATANDO OS FIOS, PRODUTOS E TÉCNICAS USADOS. Postagens fora deste padrão serão deletadas.

C) Em hipótese nenhuma serão aceitos pessoas com comportamentos abusivos contra membros e moderadores, no que tange à ofensas, críticas destrutivas com intuito de ferir a imagem da pessoa, assuntos polêmicos, assuntos que não versam sobre TRATAMENTOS DECABELOS. Tópicos deste gênero serão deletados e o membro banido.

>>>>FOTOS DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES:

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei 8069/90, no artigo 17 que diz: "O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais".

Desta forma, postagem de crianças e adolescentes serão permitidas APENAS MOSTRANDO O CABELO, protegendo o rosto e o corpo, para evitarmos possíveis maldades.

>>> POSTAGENS DE FOTOS EVÍDEOS.+ FOTOS DE ROSTO MOSTRANDO O CABELO, com indicações e referências de técnicas e produtos.

PROBIDOS POSTAGENS ALEATÓRIAS COM VÍDEOS, FOTOS, COMPARTILHAMENTO DE FANPAGES.

2) SOBRE EXCLUSÃO DE POSTS E BANIMENTO DE MEMBROS:

* Postagens sobre assuntos fora das regras, comportamento inadequado como: ausência de respeito a membros e moderadores, críticas destrutivas, pornografias, polêmicas, ofensas, atitudes preconceituosas e discriminatórias o membro será banido.

>>>> FOTOS DE ANTES E DEPOIS/TRANSIÇÃO/BC/DAY AFTER QUE ESTIVEREM FORA DO ÁLBUM SERÃO EXCLUÍDAS